

BEM-ME-QUER

1º ANO

mais

ARTE

Maria Helena Webster (coord.)
Kathya Maria Ayres de Toledo
Mairah Rocha
Maucha Rocha
Stella P.

CÓDIGO DA COLEÇÃO

0276P230202000060

PNLD 2023 - OBJETO 2

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO - VERSÃO SUBMETIDA À AVALIAÇÃO

MANUAL de PRÁTICAS e ACOMPANHAMENTO da APRENDIZAGEM

Ensino Fundamental • Anos Iniciais

Arte



Editora
do Brasil

**MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL**

BEM-ME-QUER

mais

ARTE

MANUAL de PRÁTICAS e ACOMPANHAMENTO da APRENDIZAGEM

Maria Helena Webster (Coordenação)

Especialista em História da Arte pela Universidade de Caxias do Sul (UCS)
Graduada em Artes Plásticas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
Coordenadora de livros didáticos de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio
Formadora de coordenadores e professores em Arte
Autora de livros dirigidos aos professores de Educação Infantil
Idealizadora e autora de conteúdo de site de Educação Infantil

Kathya Maria Ayres de Godoy

Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)
Mestre em Psicologia da Educação pela PUC-SP
Docente do Programa de Pós-graduação em Artes do Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista (Unesp)
Autora de livros dirigidos à formação de professores da Educação Básica
Pesquisadora em Dança, Arte e Educação e líder de grupo de pesquisa credenciado pelo CNPq

Mairah Rocha

Formada em Música pela Faculdade Santa Marcelina (FASM)
Cantora e percussionista corporal
Educadora musical
Formadora de professores especialistas e generalistas na área de Música
Coautora de livros paradidáticos na área de Música para a Educação Infantil
Professora especialista de Música na Educação Infantil e Ensino Fundamental – Anos Iniciais no ensino formal
Professora de Música e Percussão Corporal para crianças, jovens e adultos em oficinas livres

Maucha Rocha Barros

Formada em Comunicação das Artes do Corpo – habilitação em Teatro pela Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP)
Licenciada em Artes pela Faculdade Belas Artes de São Paulo
Coordenadora de escola de música e teatro em São Paulo
Formadora de professores nas áreas de Teatro e Música
Coautora de livros paradidáticos na área de Música para a Educação Infantil
Colaboradora de livros didáticos na área de Arte para o Ensino Fundamental
Professora especialista de Teatro em cursos livres e Música na Educação Infantil e no Ensino Fundamental – Anos Iniciais

Stella Ramos

Formada em Educação Artística pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)
Pesquisadora, formadora, mediadora e coordenadora de projetos em Educação e Arte/Cultura
Desenvolvedora de materiais e jogos educativos para instituições culturais
Autora e coautora de ações artísticas que mesclam poesia e artes visuais
Pesquisadora e arte-educadora em Artes Visuais
Autora de livros didáticos para o Ensino Fundamental – Anos Finais e o Ensino Médio
Autora de disciplina sobre artes híbridas e escola contemporânea em curso de formação a distância para professores de Arte



**Ensino Fundamental
Anos Iniciais
Arte**

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

1ª edição
São Paulo, 2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Bem-me-quer mais [livro eletrônico] : arte,
1º ano : manual de práticas e acompanhamento
da aprendizagem / Kathya Maria Ayres de
Godoy...[et al.] ; Maria Helena Webster
(coordenação). -- 1. ed. -- São Paulo : Editora
do Brasil, 2021. -- (Bem-me-quer mais arte)
300 Mb ; PDF

Outros autores: Mairah Rocha, Maucha Rocha Barros,
Stella Ramos

ISBN 978-65-5817-821-7

1. Arte (Ensino fundamental) I. Godoy, Kathya
Maria Ayres de. II. Rocha, Mairah. III. Barros,
Maucha Rocha. IV. Ramos, Stella. V. Webster, Maria
Helena. VI. Série.

21-81279

CDD-372.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Arte : Ensino fundamental 372.5

Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

© Editora do Brasil S.A., 2021

Todos os direitos reservados

Direção-geral: Vicente Tortamano Avanso

Diretoria editorial: Felipe Ramos Poletti

Gerência editorial de conteúdo didático: Erika Caldin

Gerência editorial de produção e design: Ulisses Pires

Supervisão de artes: Andrea Melo

Supervisão de editoração: Abdonildo José de Lima Santos

Supervisão de revisão: Elaine Silva

Supervisão de iconografia: Léo Burgos

Supervisão de digital: Priscila Hernandez

Supervisão de controle de processos editoriais: Roseli Said

Supervisão de direitos autorais: Marilisa Bertolone Mendes

Supervisão editorial: Gabriela Hengles

Edição: Ana Okada e Mariana Tomadossi

Assistência editorial: Felipe Adão e Marcelo Nardeli

Copidesque: Gisélia Costa, Ricardo Liberal e Sylmara Beletti

Revisão: Amaral, Andréa, Bruna, Carolina, Erika, Gabriela,
Fernanda Sanchez, Flávia Gonçalves, Gabriel Ornelas, Jonathan Busato,
Mariana Paixão, Nara, Renata, Stella, Tereza

Pesquisa iconográfica: Daniel Andrade e Marcia Sato

Design gráfico: Estúdio Chaleira - Cristiane Viana

Capa: Caronte Design e Patricia Lino

Edição de arte: Aline Maria, Gisele Oliveira, Patricia Lino e Talita Lima

Assistência de arte: Letícia Santos

Ilustrações: Diogo Ferreira, Fabiano Moura e Jacquie Lima

Editoração eletrônica: Studio Layout Ltda.

Licenciamentos de textos: Cinthya Utiyama, Jennifer Xavier,

Paula Harue Tozaki e Renata Garbellini

Controle de processos editoriais: Bruna Alves, Carlos Nunes, Rita Poliane,

Terezinha de Fátima Oliveira e Valéria Alves

1ª edição, 2021



Rua Conselheiro Nébias, 887
São Paulo/SP – CEP 01203-001
Fone: +55 11 3226-0211
www.editoradobrasil.com.br



OLÁ, PROFESSORA!

OLÁ, PROFESSOR!

A Arte nos convida a um longo percurso de descobertas pelas múltiplas formas de expressão que podemos desenvolver, e esse contato proporciona aos estudantes a oportunidade de experimentar os elementos das linguagens em diferentes materialidades.

Agora, nós o convidamos a propor atividades que permitirão que eles aprofundem o contato com a arte, fixando conceitos e ampliando experimentações para que compreendam os conteúdos e teçam outras possibilidades relacionadas aos temas pertinentes a cada linguagem da arte.

Este conjunto de atividades foi desenvolvido como propostas impulsionadoras para que você, ao desenvolvê-las, tenha muitas outras ideias relacionadas a seu contexto escolar e a sua turma. É pela experimentação que os estudantes ampliarão seus repertórios de investigação e pesquisa.

Valorize a experimentação!

Boas propostas!

As autoras

**MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL**

SUMÁRIO

EXPERIMENTAR PROCESSOS, CONSTRUIR O MUNDO..... V

Verbos cognitivos: processos de criação..... V

O CONHECIMENTO DO ALUNO E O ACOMPANHAMENTO DA APRENDIZAGEM..... V

Para revisar e reforçar..... VI

Para ampliar..... VI

DIMENSÕES DO CONHECIMENTO, COMPETÊNCIAS E AVALIAÇÃO..... VI

Dimensões do conhecimento em Arte..... VI

Competências: gerais e específicas..... VII

Avaliação..... VII

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL PNA E AS PRÁTICAS EM ARTE..... VII

O QUE ESTÁ PROPOSTO NO LIVRO DE PRÁTICAS PARA O ESTUDANTE?..... VII

PRÁTICAS... PROCESSO DE CRIAÇÃO..... VIII

PLANO DE DESENVOLVIMENTO ANUAL..... IX

UNIDADE 1..... X

Plano de aula: Movimentando o corpo..... X

Plano de aula: Movimentos que ocupam espaços..... XI

UNIDADE 2..... XIII

Plano de aula: Paisagem sonora..... XIII

Plano de aula: Percutindo o corpo..... XV

UNIDADE 3..... XVIII

Plano de aula: Folguedos..... XVIII

Plano de aula: Instrumentos e boneco da festa..... XX

UNIDADE 4..... XXIV

Plano de aula: Linhas e cores..... XXIV

Plano de aula: Linhas e cores da natureza..... XXV

REFERÊNCIAS..... XXVIII

EXPERIMENTAR PROCESSOS, CONSTRUIR O MUNDO

Pensar em um Livro de Práticas e Acompanhamento da Aprendizagem é ampliar as possibilidades de experimentação. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) reconhece que:

A prática investigativa constitui o modo de produção e organização dos conhecimentos em Arte. É no percurso do fazer artístico que os alunos criam, experimentam, desenvolvem e percebem uma poética pessoal. [...] Eles possibilitam compreender as relações entre tempos e contextos sociais dos sujeitos na sua interação com a arte e a cultura. (BRASIL, 2018, p. 193).

Com essa perspectiva, propomos um Livro de Práticas e Acompanhamento da Aprendizagem que desdobre os saberes dos estudantes, incentivando-os a aprofundar e experimentar novos olhares sobre diferentes aspectos da Arte. Há muitos modos de se aproximar de um objeto de conhecimento, e a experimentação é um deles. Ela é especialmente importante nos Anos Iniciais.

VERBOMATERIAL DE DIVULGAÇÃO: PROCESSOS DE CRIAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL

As propostas do objeto de conhecimento “Processos de criação” reforçam a importância da prática investigativa. Esse objeto é sinônimo de investigação na experimentação e não mais um fazer pontual com pouco significado na aprendizagem. É a construção de uma proposta de experimentação encadeada. O estudante caminha numa construção em espiral, tratando de assuntos com diferentes abordagens e explorando diversos caminhos que culminam em práticas que evidenciam os temas apresentados pelo viés da experiência.

Os verbos cognitivos da BNCC (BRASIL, 2018, p. 201-203) trabalhados nas unidades são:

- experimentar a criação;
- dialogar sobre a sua criação;
- criar e improvisar;
- discutir, com respeito e sem preconceito, as experiências;
- experimentar improvisações, composições e sonorização;
- experimentar o trabalho colaborativo, coletivo e autoral em improvisações;
- exercitar a imitação e o faz de conta;
- experimentar possibilidades criativas de movimento e de voz;
- reconhecer e experimentar.

Todos levam a múltiplas possibilidades de exploração, pelos estudantes, de aprendizados pela experimentação e suas variações cognitivas. As experimentações podem ocorrer com conteúdos que indicam foco na pesquisa e investigação dos estudantes ou em propostas que partem do próprio interesse deles, tornando-se experiências exploratórias e que lhes possibilitem dar vazão mais ampla a seu processo de criação. Especialmente na área de linguagem, a pluralidade de experiências e práticas conduz ao conhecimento mais integrado, aprofundado e pessoal.

Os projetos pedagógicos individuais, coletivos ou colaborativos possibilitam ao professor adequar a proposta ao seu contexto, mas buscam principalmente a expansão das investigações da turma.

O CONHECIMENTO DO ALUNO E O ACOMPANHAMENTO DA APRENDIZAGEM

O Livro de Práticas e Acompanhamento da Aprendizagem, como o próprio nome indica, são propostas de experimentação, direta ou subjetiva, para serem trabalhadas de acordo com seu planejamento pedagógico. Está dividida em duas seções: revisão, que enfatiza a retomada dos conhecimentos gerais dos estudantes, fixando e verificando a aprendizagem; e ampliação dos conhecimentos pela observação, investigação, reflexão e criação.

As propostas elaboradas pelos autores buscam possibilitar a você, professor, no contexto escolar, o desenvolvimento de atividades encadeadas, com enfoque nas quatro linguagens da Arte na BNCC: Artes Visuais, Teatro, Música e Dança. Essa proposta está fundamentada nos ganhos da aprendizagem por projetos.



PARA REVISAR E REFORÇAR

Revisitar conteúdos vividos, de forma geral, possibilita progressão cognitiva na experiência realizada. O ato de contextualizar e nomear a experiência de vida dos estudantes fornece a base para se desenvolver processos criativos ancorados nas atividades aqui propostas. O ato de refazer algo é, na realidade, uma troca consigo mesmo, que amplia e consolida o experimentado. Esses momentos, que adquirem características de avaliação formativa por proporcionar o relembrar, tornam-se a base de um novo processo criativo, propiciando ao estudante estar sempre aberto ao fazer e refazer, tão presente em todas as aprendizagens por experiência.

O fazer e refazer faz parte do pensamento científico crítico e criativo, por possibilitar múltiplas experimentações em um processo investigativo. O pensamento criativo encontra espaço para narrativas visuais, orais, corporais e escritas, enfim, em qualquer tipo de letramento.



PARA AMPLIAR

Fundamentado na revisão e com espaço para novas experiências criativas, o estudante se permite fazer percursos mais longos, com paradas investigativas e diferentes propostas em cada etapa. A palavra **percurso** também pode indicar um espaço percorrido por um corpo em movimento – um movimento criativo.

Esse corpo em movimento é do estudante em seu processo criativo, com os elementos e materialidades das linguagens no contexto

dele e do professor. Você, docente, observará a turma por vários ângulos para reunir diferentes “informações” sobre a diversidade que compõe a sala de aula.

A proposta de a ampliação ser encadeada e ter quatro etapas fundamenta muitas outras ações no contexto de cada escola, como um todo ou diante do interesse dos estudantes, pela possibilidade de tornar-se um projeto pedagógico, não metodológico.

DIMENSÕES DO CONHECIMENTO, COMPETÊNCIAS E AVALIAÇÃO

DIMENSÕES DO CONHECIMENTO EM ARTE

As práticas propostas contemplam as linguagens da Arte – Artes Visuais, Teatro, Dança e Música – e articulam esses saberes com as seis dimensões do conhecimento propostas pela BNCC.

A dimensão da **Expressão** está diretamente ligada às possibilidades oferecidas aos estudantes de exteriorizar criações subjetivas por meio de procedimentos artísticos, individual e coletivamente, utilizando os elementos de cada uma das linguagens e sua materialidade, assim como a dimensão da **Criação**. A **Estesia** articula a sensibilidade do estudante na percepção da Arte como forma de conhecer a si mesmo, o outro e o que está em seu entorno. A estesia tem no corpo seu maior protagonista.

A dimensão da **Fruição**, que propicia prazer ao mesmo tempo que enaltece a oportunidade de se sensibilizar ao participar de práticas artísticas, leva o estudante à dimensão da **Reflexão**, possibilitando o processo de construir um posicionamento sobre experiências e processos criativos. A **Crítica** abre caminho para a articulação e a formação de pensamento próprio acerca do experimentado e apreciado.

COMPETÊNCIAS: GERAIS E ESPECÍFICAS

As práticas desenvolvidas trabalham as competências, assegurando aos estudantes a “possibilidade de se expressar criativamente em seu fazer investigativo, por meio da ludicidade, propiciando uma experiência de continuidade em relação à Educação Infantil” (BRASIL, 2018, p. 199).

Sobre as competências, o jornalista Rosi Rico, no texto “Conheça e entenda as competências gerais da BNCC”, publicado na Revista Nova Escola, coloca que:

A ideia não é planejar uma aula específica sobre essas competências ou transformá-las em componente curricular, mas articular a sua aprendizagem à de outras habilidades relacionadas às áreas do conhecimento. Muitas dizem respeito ao desenvolvimento socioemocional que, para acontecer de fato, deve estar incorporado ao cotidiano escolar, permeando todas as suas disciplinas e ações. (RICO, 2021).

O desenvolvimento das competências em Arte está nas ações de investigação, expressão, criação e reflexão sobre o que foi vivenciado em atividades individuais, coletivas e cooperativas, possibilitando a aquisição de conhecimentos, o desenvolvimento da experimentação, a comunicação e a argumentação na apresentação de seu trabalho e a fruição durante todo o processo de criação.

AVALIAÇÃO

A avaliação não deve ser excludente e classificatória. A experimentação proposta no Livro de Práticas e Acompanhamento da Aprendizagem deve ser beneficiada por uma avaliação formadora com a autoavaliação, possibilitando ao estudante expressar-se sobre sua prática e sobre as facilidades e dificuldades encontradas durante o processo criativo.

PNA E AS PRÁTICAS EM ARTE

O Decreto nº 9.765 de 2019 estabeleceu a Política Nacional de Alfabetização (PNA), cujo objetivo é melhorar a qualidade da alfabetização no território brasileiro e combater o analfabetismo absoluto e o analfabetismo funcional. O documento tem o caráter prático de orientar os programas e as ações do governo federal e exige, portanto, o alinhamento entre os materiais didáticos para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental e suas diretrizes.

É natural a relação entre certos componentes curriculares, principalmente entre Língua Portuguesa e Arte, por ambas fazerem parte da área de Linguagens. São letramentos que a criança utiliza desde os primórdios para se comunicar. As primeiras expressões estão no balbuciar palavras e nos gestos incentivados por sua curiosidade. Mas as artes e, principalmente, os processos criativos podem ampliar essa interrelação pelo hibridismo da área. A arte – mais expressivamente a arte contemporânea, em que as crianças se inter-relacionam despojadas de qualquer critério racional, apenas pelo sentir e experimentar –, possibilita a construção de aprendizados nos dois componentes, ao vivenciá-los.

O QUE ESTÁ PROPOSTO NO LIVRO DE PRÁTICAS PARA O ESTUDANTE?

Assim como a criança na Educação Infantil, o estudante se aproxima de uma obra de arte, principalmente de arte contemporânea, “despido” de racionalização. Ele se aproxima como se aproxima sempre de uma brincadeira, de um elemento da natureza, de uma pessoa. Essa liberdade vem de sentir, sem racionalizar, o que pode vir a experimentar e, na sequência, expressar o que experimentou. Esse é o percurso do estudante em seu processo de criação.

O estudante dos primeiros anos narra o vivenciado pela experiência, sem preocupação com categorizações em sua fala, de modo

diferente do adulto, que busca compreender o que viveu para organizar seu relato.

O crítico de arte Fernando Cocchiarale (2006, p. 10) diz que:

[...] o problema é que estas pessoas [os adultos] usam um único verbo: entender. Entender significa reduzir uma obra à esfera inteligível. Eu nunca ouvi ninguém dizer: eu não consegui sentir essa obra.

Os livros desta coleção propõem práticas visuais, sonoras, gestuais, cênicas e escritas que levam os estudantes a sentir e experimentar, de modo que possam se expressar e progredir no aprendizado pelas várias experiências realizadas. As propostas consistem em propiciar uma criação e, em seguida, apreciar o caminho percorrido, mas não explicar ou julgar seu processo. O estudante não precisa explicar o resultado de seu trabalho, assim como posiciona Cocchiarale (2006, p. 10):

O artista contemporâneo nos convoca para um jogo onde as regras não são lineares, mas desdobradas em redes de relações possíveis ou não de serem estabelecidas.

O mesmo procedimento acontece com o estudante em suas expressões.

Para concluir, vale lembrar que o que os estudantes vão aprender que Arte não se restringe apenas a conteúdos específicos mas à sua capacidade de encontrar caminhos expressivos, arriscar experimentar, buscar a própria voz. A coleção **MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL** desenvolve o envolvimento de questões e práticas expressivas.

PRÁTICAS... PROCESSO DE CRIAÇÃO

Até há bem pouco tempo, o ensino de Arte se resumia comumente a tarefas repetitivas, que não estimulavam a experimentação como parte do processo de criação do estudante. As propostas costumavam enaltecer a preocupação com o resultado final e não com o processo de criação. A BNCC propõe uma inversão nessa forma de ensinar, conforme abordamos anteriormente, enfatizando a presença dos verbos cognitivos relacionados à experimentação.

A experimentação ocorre quando o estudante explora a linguagem por meio de

investigações e pesquisa, da ação de fazer e refazer, aprecia o realizado e reflete sobre ele para, então, reiniciar o processo.

Um processo de experimentação, sempre!

Ainda reportando-se à BNCC, encontramos dez vezes o verbo **experimentar** distribuído nas 26 habilidades dos Anos Iniciais. Isso mostra mais de 38% de enfoque na orientação para propostas práticas que possibilitem ao estudante aprender por meio do fazer, buscando ampliar sua autonomia (iniciada pela curiosidade na infância) e exercitar processos que o levem a construir, ao longo de sua jornada de estudante, uma forma de expressão visual, corporal ou sonora.

Essa proposta só se concretiza se as práticas fizerem sentido no contexto dos estudantes, ou seja, se forem significativas para eles. Para isso, é necessário que participem da própria elaboração da proposta, façam um levantamento do que conhecem, do que já desenvolveram e de como se sentiram durante a elaboração, principalmente usando linguagens não familiares.

Por que voltamos a falar dos verbos cognitivos?

Porque eles ressaltam a importância de um livro voltado para a ampliação das experimentações e não apenas propondo atividades já desgastadas pela repetição.

A palavra **prática** pode ser interpretada apenas como um fazer pontual, sem nada acrescentar ao aprendizado dos estudantes. Mas se for compreendida como parte de uma sequência, de um trabalho de investigação recorrente, alinhado em novas buscas e pesquisas, ela possibilita aos estudantes exercitar a investigação autônoma e aprender pelo autoconhecimento. Em arte, eles descobrem, pela prática, as possibilidades da materialidade utilizada e dos elementos da linguagem escolhida. A arte possibilita essa união.

O percurso de criação dos estudantes entendido como “processo” é formado de ações muito similares às do artista, independentemente da linguagem de expressão. As obras de arte contemporâneas trazem em sua materialidade vestígios de grandes pesquisas para identificar um caminho, muitas vezes unindo mais de uma linguagem artística. Os artistas também investem em pesquisas, testagens e investigações para chegar ao resultado no contexto proposto.

A BNCC revê essa posição, enfatizando a importância dos processos de criação, quando propõe que:

A prática investigativa constitui o modo de produção e organização dos conhecimentos em Arte. É no percurso do fazer artístico que os alunos criam, experimentam, desenvolvem e percebem uma poética pessoal. Os conhecimentos, processos e técnicas produzidos e acumulados ao longo do tempo em Artes Visuais, Dança, Música e Teatro contribuem para a contextualização dos saberes e das práticas artísticas. Eles possibilitam compreender as relações entre tempos e contextos sociais dos sujeitos na sua interação com a arte e a cultura. (BRASIL, 2018, p. 193).

Desse prisma, os estudantes do 1º e 2º anos do Ensino Fundamental abrigam na memória os bons momentos vivenciados na Educação Infantil, com uma bagagem de conhecimentos construídos tanto pelo aprendizado em brincadeiras e investigações quanto pela elaboração de narrativas que explicam como eles percebem seu entorno e os impulsos que sua curiosidade valorizada os leva a descobrir.

PLANO DE DESENVOLVIMENTO ANUAL

Apresentamos a seguir uma proposta de distribuição dos conteúdos do Livro de Práticas e Acompanhamento da Aprendizagem no decorrer do ano letivo. Ele está organizado por bimestres.

O plano de desenvolvimento anual é somente uma sugestão, pois também valoriza a autonomia do professor e pode ser adaptado à realidade escolar e à quantidade de aulas destinadas à disciplina de Arte em seu estado ou município.

	CRONOGRAMA	CONTEÚDO A SER TRABALHADO	BNCC E PNA
UNIDADE 1	1º BIMESTRE	<ul style="list-style-type: none"> Atividades de revisão das páginas 6 e 7 (Movimentando o corpo). Atividades de ampliação das páginas 8 a 10 (Movimentos que ocupam espaços). 	<p>Competências gerais: 8 e 10.</p> <p>Competências específicas de Linguagens: 2 e 5.</p> <p>Competência específica de Arte: 8.</p> <p>Habilidades: EF15AR09, EF15AR11, EF15AR12.</p> <p>Componentes essenciais para a alfabetização: conhecimento alfabético; desenvolvimento de vocabulário.</p>
UNIDADE 2	2º BIMESTRE	<ul style="list-style-type: none"> Atividades de revisão das páginas 11 e 13 (Imagem sonora). Atividades de ampliação das páginas 14 a 16 (Percutindo o corpo). 	<p>Competências gerais: 2 e 4.</p> <p>Competência específica de Linguagens: 3.</p> <p>Competência específica de Arte: 8.</p> <p>Habilidades: EF15AR14, EF15AR15, EF15AR17.</p> <p>Componentes essenciais para a alfabetização: consciência fonológica; desenvolvimento de vocabulário.</p>
UNIDADE 3	3º BIMESTRE	<ul style="list-style-type: none"> Atividades de revisão das páginas 18 e 19 (Folguedos). Atividades de ampliação das páginas 20 a 22 (Instrumentos e boneco da festa). 	<p>Competências gerais: 3 e 10.</p> <p>Competência específica de Linguagens: 1.</p> <p>Competências específicas de Arte: 1 e 9.</p> <p>Habilidades: EF15AR21, EF15AR22, EF15AR25.</p> <p>Componentes essenciais para a alfabetização: consciência fonológica; desenvolvimento de vocabulário.</p>
UNIDADE 4	4º BIMESTRE	<ul style="list-style-type: none"> Atividades de revisão das páginas 24 e 25 (Linhas e cores). Atividades de ampliação das páginas 26 a 29 (Linhas e cores da natureza). 	<p>Competência geral: 9.</p> <p>Competência específica de Linguagens: 1.</p> <p>Competências específicas de Arte: 3 e 9.</p> <p>Habilidades: EF15AR02, EF15AR03, EF15AR05, EF15AR25.</p> <p>Componente essencial para a alfabetização: desenvolvimento de vocabulário.</p>

UNIDADE 1

PLANO DE AULA: MOVIMENTANDO O CORPO

Duração: 1 aula.

Habilidades trabalhadas:

- EF15AR09
- EF15AR11
- EF15AR12

Componentes essenciais de alfabetização da PNA:

- Conhecimento alfabético.
- Desenvolvimento de vocabulário.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 1

Tema: Movimentações diversas do corpo no espaço.

Objetivo: Compreender movimentos do corpo no espaço próprio e no espaço ampliado.

Material:

- não há material necessário.

Onde fazer: Em sala de aula, no pátio ou na quadra poliesportiva.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL

Quando observamos algo inanimado, como um boneco articulado, podemos notar que é possível criar nossos movimentos. Neste exercício, os estudantes vão perceber os movimentos dos colegas e fazê-los como se fosse um espelho. A intenção não é copiar o movimento, mas criá-lo a partir da percepção do movimento do outro.

DESENVOLVIMENTO

Escolha um lugar no qual todos os estudantes possam ficar em duplas, um de frente para o outro. Pode ser qualquer lugar com espaço suficiente para que eles realizem a prática. Se possível, escolha um espaço que não tenha outro tipo de movimentação, para que os estudantes não se distraiam durante a atividade. Explique que as

articulações do corpo são como dobradiças que possibilitam o movimento.

Após se organizarem em duplas, é o momento de iniciar a prática, que está organizada em três partes, descritas a seguir.

1. Um dos estudantes se movimenta em uma posição diferente da que se usa para fazer as atividades do cotidiano. Sem alterar o movimento definido, o colega da frente deve imitar a posição. Por fim, o primeiro estudante, que está com o boneco, avalia se o colega conseguiu fazer a posição proposta. Se algum estudante apresentar dificuldade, ajude-o a perceber qual movimento está sendo proposto. Depois, peça a eles que invertam: quem propôs deverá experimentar fazer o movimento com o boneco.

2. Peça a todos para ficarem em duplas, um de frente para o outro. Explique-lhes que um da dupla deve pensar em uma articulação/dobradiça e dizer o nome, sem mostrar a qual articulação está se referindo. O colega deverá identificar. Faça seis vezes essa investigação em ritmos alternados: uns mais rápidos e outros mais lentos. O colega que propôs tem de observar se a identificação está correta. Caso não esteja, ele também precisa mostrar aquela na qual havia pensado. Assim como na etapa anterior, eles devem inverter as atividades na dupla: quem descobriu primeiro, depois vai propor.

3. Mantenha os estudantes na mesma dupla da etapa anterior, sentados no chão, com o livro e um riscador. Proponha a cada um que desenhe as articulações escolhidas para serem identificadas. O importante neste exercício é a criação de um movimento e a identificação. A forma de desenhar é livre. Após todos concluírem os desenhos, peça que observem, no desenho, se mudariam algo que não confere com a articulação pensada.

Agora que eles conheceram as articulações, proponha criarem livremente outros movimentos de forma individual.

ENCERRAMENTO

O importante no conjunto dessas atividades é os estudantes identificarem o maior número de articulações que temos no corpo. Após mostrarem as articulações em que pensaram, observe se alguma não foi identificada, diga o nome e peça que mostrem onde ela está no corpo.

PLANO DE AULA: MOVIMENTOS QUE OCUPAM ESPAÇOS

Duração: 4 aulas.

Habilidades trabalhadas:

- EF15AR04
- EF15AR05

Componentes essenciais de alfabetização da PNA:

- Conhecimento alfabético.
- Desenvolvimento de vocabulário.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 1

Tema: Níveis baixo, médio e alto.

Objetivo: Explorar e perceber o espaço próprio e ampliado ocupado pelo corpo nos níveis baixo, médio e alto.

Material:

- giz de lousa;
- giz de cera;
- papel pardo.

Onde fazer: Em sala de aula, no pátio ou na quadra poliesportiva.

INTRODUÇÃO

Peça a **MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL** em duplas para brincar de desenhar o colega. O interessante é procurar um espaço seguro na escola onde eles possam se deitar no chão, como o pátio, a quadra poliesportiva ou outro local.

DESENVOLVIMENTO

Um deles deve deitar-se na posição em que costuma dormir. O colega da dupla contorna, então, o corpo do que está no chão com giz de lousa, giz de cera ou outra opção de que você dispuser. Se for giz de cera, o estudante deve deitar-se em cima de uma folha ou pedaço grande de papel pardo. Depois, eles trocam a posição: o que estava desenhando deita-se para ser desenhado pelo colega. Quando terminarem, peça que observem os dois desenhos e comparem o tamanho, a largura e o comprimento.

Em seguida, peça que contornem novamente o corpo do colega, mas em posições diferentes, com ele deitado, sentado, de joelhos e em pé. Quando terminarem, pergunte quais foram as posições mais fáceis e as mais difíceis e por quê. A ideia é levá-los a perceber as diferenças entre os corpos, os níveis nos quais os corpos podem se posicionar no espaço – baixo, médio e alto – e que o corpo é tridimensional.

ENCERRAMENTO

Concluída a atividade, sente-se em roda com a turma e pergunte: Todos os corpos são iguais? Quais são as diferenças? Todos têm o mesmo tamanho e a mesma estrutura corporal? Vocês identificaram quais dobradiças foram usadas nas posições escolhidas?

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2

Tema: Níveis baixo, médio e alto.

Objetivo: Explorar possibilidades diversas de movimentação do corpo.

Material:

- giz de lousa;
- giz de cera;
- papel pardo.

Onde fazer: Em sala de aula, no pátio ou na quadra poliesportiva.

INTRODUÇÃO

Peça aos estudantes que formem duplas para brincar novamente de desenhar o colega. O interessante é procurar um espaço seguro na escola no qual eles possam deitar-se no chão, como o pátio, a quadra poliesportiva ou outro local.

Peça que se lembrem dos desenhos dos contornos do corpo que fizeram na **Sequência didática 1**, mas agora descobrirão posições que desafiem o equilíbrio do corpo. Por exemplo: equilibrar-se na ponta de um pé só ou de ambos os pés (se estiver na posição em pé – nível alto); manter o tronco estendido para trás e os braços estendidos para cima (se estiver ajoelhado – nível médio); ou como uma estrela, com os

braços e pernas abertos (na posição deitado – nível baixo). Em seguida, mantendo as duplas, peça que desenhem o contorno dessas posições com o material disponibilizado: giz de cera, giz de lousa, papel pardo etc. Um estudante fica na posição e o outro desenha o contorno. Depois, trocam as posições. Ao término desse primeiro momento, todo o espaço estará preenchido por desenhos desses contornos.

DESENVOLVIMENTO

Em seguida, aproveite o espaço desenhado no chão com os vários contornos dos corpos e peça a eles que se desloquem livremente olhando para esse grande mosaico no chão. Agora, eles irão explorar novas posições dentro e fora dos contornos. Desenvolva a proposta da seguinte maneira: peça a todos que caminhem pelo espaço e quando você bater palmas, um estudante de cada dupla deve escolher um contorno e posicionar-se dentro dele, enquanto seu par fica fora do contorno. O que estiver dentro escolhe uma posição de equilíbrio no nível que quiser (baixo, médio ou alto) e o que estiver fora do contorno só pode escolher uma posição no nível alto. Espere alguns segundos, diga a todos que voltem a movimentar-se pelo espaço e depois bata duas palmas; nesse caso, para os estudantes que escolheram ficar dentro do contorno, a indicação continua a mesma: escolher uma posição em qualquer nível, mas quem ficou fora do contorno escolhe uma posição de equilíbrio no nível médio. Repita a proposta de se movimentarem livremente pelo espaço e quando você bater três palmas, a informação é a mesma para quem escolheu ficar dentro, mas quem optou ficar fora do contorno só pode escolher uma posição no nível baixo.

Certifique-se de que haja várias trocas entre os estudantes e os contornos desenhados.

ENCERRAMENTO

Após a atividade, sente-se em roda com os estudantes e pergunte: É possível ocupar o espaço do corpo do colega? Qual é o meu espaço (o próprio espaço)? E qual é o espaço amplo além daquele que meu corpo ocupa?

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 3

Tema: Fotografias imaginárias.

Objetivo: Perceber e explorar possibilidades de movimento no espaço.

Material:

- não há material necessário.

Onde fazer: As atividades podem ser feitas em sala de aula, no pátio ou na quadra poliesportiva.

INTRODUÇÃO

Peça aos estudantes que formem duplas para brincar de fotografar o colega, de maneira imaginária. O interessante é procurar um espaço seguro na escola em que eles possam deitar-se no chão, sentar-se e ficar confortáveis, como o pátio, a quadra poliesportiva ou outro local.

Proponha que no espaço e nível escolhido, um deles faça uma pose para ser “fotografado”. Explique, então, que a pose tem de ser imaginada e só depois o corpo deve assumir a representação do que foi imaginado. O colega que está “fotografando” deve procurar descobrir o que a pose quer mostrar. Em seguida, trocam as posições: quem fotografou faz uma pose para ser “fotografada” e o outro procura descobrir o que a pose significa. Depois da troca, pergunte a todos se conseguiram descobrir o significado da pose. O que será que ela conta?

DESENVOLVIMENTO

Agora, reúna pequenos grupos, de 4 a 5 estudantes. A ideia é deixá-los conversar para escolherem, juntos, um lugar imaginário em que gostariam de ser “fotografados”. Depois de todos decidirem o “lugar” e a situação, devem escolher uma pose para a fotografia imaginária. Atenção: aqui há uma oportunidade para você incentivar os estudantes a explorarem os níveis baixo, médio e alto. O “lugar” da foto pode ser um parque, uma praia, alguma dependência da casa de um deles, como a sala, a cozinha, o banheiro, ou até mesmo um espaço da escola.

ENCERRAMENTO

Após a atividade, sente-se em roda com os estudantes e pergunte: Que espaço meu corpo ocupa? Será que consigo mostrar/expressar por meio de meu corpo o que estou sentindo?

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 4

Tema: Movimentos corporais do cotidiano.

Objetivo: Criar uma história corporal usando movimentos cotidianos.

Material:

- não há material necessário.

Onde fazer: As atividades podem ser feitas em sala de aula, no pátio ou na quadra poliesportiva.

INTRODUÇÃO

Peça aos estudantes que se espalhem pelo espaço. O mais importante é procurar um espaço seguro na escola em que eles possam se deitar no chão, como o pátio, a quadra poliesportiva ou outro local destinado a esse tipo de atividade.

Proponha, como aquecimento, que eles se desloquem explorando o espaço. Inicie pedindo que caminhem de várias maneiras: por exemplo: com as pernas estendidas, flexionadas; mudando de direção; para frente e para trás, para os lados; em velocidades diferentes. Sugira elementos da linguagem da dança já vivenciados.

DESENVOLVIMENTO

Em seguida, explique-lhes que quando você bater quatro palmas, os apoios devem ser quatro, como um cavalo, por exemplo; eles devem deslocar-se como um cavalo galopando. Depois, peça que caminhem como as outras crianças. Combine que quando você bater duas palmas, todos devem parar em uma posição com dois apoios, como uma galinha, por exemplo. Estimule-os a deslocar-se batendo asas e

criando diferentes maneiras de se movimentar como uma galinha. Se achar viável, peça que emitam sons enquanto se deslocam.

Agora, peça a eles que escolham um animal que imitaram e que gostam. Cada um deve criar uma história corporal com o animal escolhido que tenha três momentos: no primeiro, deve explicar por que escolheu aquele animal; no segundo, quais suas características; e, no terceiro, que movimentos o animal faz com seu corpo. Por exemplo, se a escolha for um leão, os momentos podem ser encadeados seguindo o processo de criação nas respostas: “Escolhi porque é meu animal selvagem preferido, ele é feroz e anda sobre 4 patas, dessa forma...” e, então, o estudante imita os movimentos do leão.

Anime-os a explorar algumas possibilidades de criação. Ao perceber que as histórias já se configuraram, organize-os sentados em roda e peça a cada criança que vá ao centro e mostre com o corpo sua criação corporal, ou seja, o movimento feito com o animal. Enquanto as outras crianças apreciam, diga que quem quiser pode ir ao centro e contar sua história corporal aos colegas.

ENCERRAMENTO

Depois, pergunte: Vocês descobriram o que esses corpos expressaram? Por quê? Identificaram elementos da linguagem da dança enquanto mostravam suas histórias?

UNIDADE 2

PLANO DE AULA: PAISAGEM SONORA

Duração: 1 aula.

Habilidade trabalhada:

- **EF15AR15**

Componentes essenciais de alfabetização da PNA:

- Consciência fonológica.
- Desenvolvimento de vocabulário.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 1

Tema: Paisagem sonora.

Objetivo: Revisar e fixar conceitos como paisagem sonora, poluição sonora, sons naturais e sons artificiais.

Material:

- cola;
- encarte;
- tesoura com pontas arredondadas.

Onde fazer: As atividades devem ser feitas em sala de aula.

INTRODUÇÃO

Nesta seção, os estudantes revisarão os conceitos de paisagem sonora e de poluição sonora. Cada lugar tem sons específicos do entorno, que fazem parte da paisagem. O músico canadense Murray Schafer deu a esses sons o nome de **paisagem sonora**. Assim como vemos a paisagem ao nosso redor, também a escutamos. Essa paisagem sonora pode ser composta por sons naturais – que são aqueles produzidos por elementos da natureza, animais, ou seja, sons que não dependem da ação humana – e sons artificiais, que são os sons que precisam de nós para acontecerem.

Por outro lado, o ambiente em que vivemos num ambiente é chamado de **poluição sonora**. Esse excesso de ruídos pode incomodar e até fazer mal à saúde de quem estiver exposto, causando estresse, depressão, insônia, perda de audição, entre outros sintomas.

Assim como poluímos o meio ambiente com sujeira, podemos poluir os ambientes com o excesso de sons e de imagens, provocando o que chamamos de **poluição visual**.

Todos esses tipos de poluição podem causar danos à saúde, e devemos nos conscientizar disso para evitar poluímos o ambiente.

Converse com os estudantes sobre isso e veja a quais conclusões chegaram sobre os ambientes com mais poluição sonora frequentados por eles e o que podemos fazer para contribuir para um ambiente com menos poluição sonora.

DESENVOLVIMENTO

Na **atividade 1**, organize a turma em pequenos grupos. Nela, há duas imagens com paisagens diferentes. A primeira é a representação de um campo de trigo feita pelo pintor Vincent van Gogh. Instrua os estudantes a observar atentamente a pintura: Eles reconhecem aquela paisagem? Quais elementos são familiares? Parece um ambiente com muita ou pouca gente? Quais sons eles imaginam que escutariam se estivessem naquele ambiente?

Se os estudantes apresentarem dificuldade para responder a essas perguntas, você poderá ajudá-los lembrando-os de que, em locais rurais, como os dessa paisagem da pintura de van Gogh, é comum escutarmos pássaros e outros animais, como cavalos, vacas ou galinhas. Podemos ver uma carroça, mas poderia haver também um trator, se pensássemos nos dias de hoje, além de algumas conversas de pessoas, bem como sons de pessoas cavando a terra para plantar, varrendo ou rastelando.

Depois, peça que observem a segunda imagem com atenção: É uma foto antiga ou atual? O que as pessoas estão fazendo? Quais elementos aparecem nela? Parece ser um lugar silencioso ou ruidoso? Que sons vocês imaginam que escutariam se estivessem lá?

Caso os estudantes tenham dúvidas, peça que analisem os elementos da imagem, como os veículos, muitas pessoas andando, vendendo e comprando coisas, e façam um exercício para imaginar que outros sons poderiam ser escutados nesse lugar mas que não são produzidos por esses elementos que eles podem ver, já que vêm de outras fontes sonoras que não aparecem na imagem, como um avião ou helicóptero, uma sirene de ambulância passando ao longe, um som de alguma máquina de reparo na rua.

Cada grupo fará o levantamento referente à primeira imagem e, então, tentar reproduzir com a voz e o corpo os sons imaginados.

Isso também deve ser feito com a segunda imagem, ou seja, os estudantes devem tentar reproduzir as duas paisagens sonoras.

Se possível, grave os sons que cada grupo fez para cada paisagem, para escutarem depois. É bem interessante essa experiência de

fechar os olhos para escutar os sons de determinada paisagem sonora e perceber que sensações eles causam.

Em seguida, pergunte aos estudantes se o grupo entende que havia poluição sonora em alguma das paisagens e por quê. Peça que escrevam a reflexão no caderno.

A **atividade 2** consiste em recortar imagens que estão no encarte da página 31. No primeiro quadro, os estudantes devem agrupar as imagens que compõem uma paisagem sonora agradável a seus ouvidos. No segundo, serão agrupadas as imagens que acharem compor uma paisagem poluída sonoramente.

Esse exercício é bem pessoal, já que o som de uma cachoeira, por exemplo, pode ser agradável para uns e desagradável para outros. É importante reforçar que existe um parâmetro internacional de decibéis recomendado para a audição e que, passando desse limite, é considerado poluição sonora mas que também existe uma tolerância muito individual para os sons e ruídos.

Pergunte se algum dos quadros teve mais sons artificiais, ou seja, sons que precisam da ação humana para serem produzidos.

ENCERRAMENTO

Faça um balanço das respostas para verificar se a maioria montou um dos quadros com mais sons artificiais. Converse com eles. Será que os sons artificiais são mais agradáveis ou são causados por poluição? Por quê?

PLANO DE AULA: PERCUTINDO O CORPO

Duração: 2 aulas.

Habilidades trabalhadas:

- EF15AR14
- EF15AR15
- EF15AR17

Componentes essenciais de alfabetização da PNA:

- Consciência fonológica.
- Desenvolvimento de vocabulário.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 1

Tema: O som das palmas.

Objetivo: Aprofundar os estudos da percussão corporal, por meio dos sons das palmas, e trabalhar o reconhecimento de diferentes alturas, intensidades e timbres.

Material:

- não há material necessário.

Onde fazer: Pode ser feita em sala de aula ou em alguma área externa da escola que seja silenciosa.

INTRODUÇÃO

O corpo é uma grande fonte sonora, muito rica em diversos timbres, que podem ser explorados de inúmeras maneiras: a percussão corporal.

A proposta da prática é que os estudantes explorem alguns timbres específicos: o som das palmas, do peito e dos estalos, além de fazer outros jogos de improvisação e criação utilizando esses timbres, entre outros.

Por meio de diferentes sons corporais, será possível reforçar os conceitos dos parâmetros do som, como altura, intensidade, timbre e duração.

DESENVOLVIMENTO

Na **Etapa 1**, serão exploradas as diferentes possibilidades de batida de palmas. Ao variar o formato das mãos, produzimos palmas com timbres, alturas e intensidades diferentes.

Os estudantes farão cinco tipos diferentes de palmas, cada uma com um formato diferente das mãos. A cada nova palma, repita-a com eles três vezes, para que possam escutar a diferença entre os tipos de sons produzidos. Essa pausa para o reconhecimento de cada timbre é um importante exercício de escuta ativa.

A seguir, algumas dicas para cada tipo de palma:

1. Nessa palma, os polegares ficam separados do resto dos dedos, e batemos as mãos como se quiséssemos prender o ar dentro delas.

2. O som dessa palma é um som bem estridente e característico, como se estivéssemos batendo num bloco de madeira. Os dedos devem estar bem separados e esticados. Tenha atenção para que os estudantes não deixem os dedos irem relaxando, pois, para o som sair, é necessário manter o as mãos firmes.

3. Esse é o tipo de palma mais comum, mas uma boa experiência é pedir aos estudantes que alternem as mãos. Uma das mãos é a que normalmente costuma receber a batida dos dedos da outra. Solicite que as alternem e escutem se faz alguma diferença no timbre ou na altura.

4. Usamos as costas da mão para fazer esse som. Como a pele nesse local é mais delicada, avise aos estudantes que não se deve colocar força para bater essa palma, senão eles podem se machucar.

5. Estique bem os dois dedos e experimente com os estudantes os diferentes sons que são produzidos se batermos apenas as pontinhas dos dedos e se formos aumentando o contato dos dedos na palma da mão até bater os dedos inteiros. Nesse caso, acontece uma variação na intensidade dos sons.

Depois da exploração dos diversos sons que podem ser feitos, vamos colocá-los em prática: ajude os estudantes a reconhecer qual palma é a mais aguda (palma pingo) e qual é a mais grave (palma grave). A sequência de palmas que fizemos nesta etapa está numa ordem da mais grave para a mais aguda.

Faça com eles o “jogo do eco” utilizando apenas os sons das palmas: em círculo, cada um propõe uma combinação simples de diferentes tipos de palmas para que o restante da turma repita, como um eco. O ideal é que todos criem uma combinação para ser repetida pelos demais.

Na **Etapa 2**, os estudantes utilizarão os tipos de palmas que acabaram de conhecer para fazer uma improvisação de representação da chuva. Nessa proposta, além da altura e dos timbres, será possível perceber a variação da intensidade do som.

Diga aos estudantes que comecem com poucas palmas imitando pingos, muito suaves.

Conforme a chuva fica mais forte, peça que mudem as palmas e aumentem a intensidade delas, conforme a ordem a seguir:

1. pingo;
2. costas da mão;
3. estalada;
4. estrela;
5. grave.

Essa ordem vai do som mais agudo (palma pingo) para o som mais grave (palma grave). Quando chegarem na palma grave, e a chuva estiver bem forte, aos poucos devem alterar a ordem dos tipos de palma, reduzindo a intensidade delas até chegarem novamente nos pingos e, por fim, parar a chuva.

Combine com eles que essa improvisação não tem um maestro, e que deve iniciar-se no silêncio e terminar também no silêncio. É interessante fazer a atividade uma segunda vez, com os olhos fechados, porque assim se escuta melhor e há melhor percepção da intensidade da chuva.

ENCERRAMENTO

Depois de fazer a atividade com os olhos fechados, converse com eles a respeito das impressões que tiveram ao fazer a experiência. Foi diferente? Por quê? Por último, pergunte como poderiam reproduzir o som do trovão: Deixe que os estudantes explorem as possibilidades de produção de sons graves, como os sons dos trovões, que podem vir do som dos pés batendo no chão, das mãos no peito, da voz para imitar e outros que possam surgir no momento. Outro som que pode compor essa improvisação é o som do vento, que pode ser reproduzido pelo som das letras **f**, **s** e **x**.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2

Tema: Bricando com sons.

Objetivo: Praticar diferentes sons por meio de jogos de improvisação e da sonorização de uma história.

Material:

- não há material necessário.

Onde fazer: Sala de aula ou área silenciosa.

INTRODUÇÃO

A **Etapa 3** trata de outros sons que podem ser feitos com o corpo além das palmas: o som grave da mão batendo no peito e o agudo do estalo. Experimente fazê-los com os estudantes e pergunte: O timbre do som da mão batendo no peito é parecido com o timbre do som da palma grave? Ou só a altura deles é parecida?

Aproveite para retomar os conceitos de timbre e altura. A altura diz respeito à frequência do som, ou seja, se é um som mais grave ou mais agudo. Já o timbre é determinado pela fonte sonora: uma mão batendo na outra produz um timbre diferente do que uma mão batendo no peito. Tanto o som da mão no peito quanto da palma grave são sons graves, mas com timbres bem diferentes. É possível que os estudantes observem também a intensidade desses dois sons: o som da palma é mais forte e estridente do que o som da mão batendo no peito, que é mais abafado e suave.

O som do estalo dos dedos não é um som muito simples. Ele tem um mecanismo específico que frequentemente não dá certo logo nas primeiras vezes, exigindo algum treino.

Mais uma dica muito importante é que o dedo mindinho e o anular devem estar sempre encostados na palma da mão, nunca esticados, pois são eles que, juntos, formarão uma caixinha de ressonância que amplificará o som do estalo, tornando-o um pouco mais forte. Peça aos estudantes que pratiquem esse som com as duas mãos.

Faça um exercício de percussão para cima: começa batendo os pés no chão, subindo para as batidas das mãos nas coxas, depois na barriga até chegar ao peito. Perceba com os estudantes os diferentes timbres.

O som do estalo é um som suave ou forte? E o som da mão na coxa, é mais grave ou mais agudo que o som da mão na barriga? E o som do pé pisando no chão, é grave ou agudo, suave ou forte?

DESENVOLVIMENTO

Depois de passarem pelos diferentes timbres, encaminhe o jogo “siga o mestre dos sons”. Um dos estudantes sairá da sala para a turma sortear quem será o mestre da rodada. O mestre começa a fazer um som ou uma combinação de

sons, sem parar. Todos da roda devem imitá-lo. De tempos em tempos, ele deve trocar de som.

O estudante que estava fora da sala entra na roda e observa os colegas, tentando descobrir quem é o mestre. O mestre não deve deixar o que está dentro da roda descobrir quem ele é. Para isso, deve evitar trocar de som quando o “adivinhador” estiver olhando para ele.

Instrua o “adivinhador” a usar a percepção auditiva para descobrir de onde veio o novo som. Ele terá três chances. Se adivinhar ou gastar suas chances, quem era o mestre sairá e a turma sorteia um novo mestre. O jogo segue até que todos os estudantes tenham experimentado ser o mestre. Eles devem tentar variar os sons do corpo sem ficar repetindo demais os timbres, e podem ficar à vontade para usar também os sons da boca e da voz. É muito importante deixar claro para os estudantes que, quando estamos percutindo nosso corpo, não necessitamos de força para que os sons saiam mais bem-feitos. Se por acaso algum estudante reclamar que está com alguma parte do corpo doendo de tanto tocá-la, peça que pare, que faça uma massagem no local e que, da próxima vez, use menos força.

ENCERRAMENTO

Após investigar mais a fundo os sons do corpo, observamos suas características, como o timbre, a altura e a intensidade de cada um. Exploramos e praticamos diversos sons e agora iremos usá-los em uma criação.

Na **Etapa 4**, os estudantes irão sonorizar uma história escolhida ou inventada por eles. Pode ser uma história conhecida, alguma com a qual vocês já estejam trabalhando em sala ou, ainda, uma história inventada coletivamente, impulsionada por um tema de interesse do grupo.

Depois de definida a história, é importante perceber os ambientes em que ela se passa para decidirem os sons para a sonorização. Cada estudante pode escolher um som e ficar encarregado de fazê-lo no momento certo da história. Procure usar sons corporais, incluindo a voz. Definidos os sons da paisagem sonora e de algumas passagens em especial, é hora de escolher sons para representar cada personagem da história.

Conforme você for narrando a história, quando falar de um personagem, um estudante faz o som que representa esse personagem; quando falar de outro personagem, outro estudante faz o som dele, e assim por diante.

As histórias fazem parte do cotidiano das crianças desde a mais tenra idade e são um ótimo recurso no processo de educação musical. Por meio da entonação usada pelo contador de histórias, é possível trabalhar, por exemplo, diferentes timbres vocais, variar as intensidades de acordo com o que está acontecendo na história, causar sensação de expectativa... Também é possível trabalhar com a sonorização da história utilizando sons que ilustrem a paisagem da narrativa: imitar o ranger de uma porta, o cantar do galo, o trote dos cavalos, o rugido de um leão etc. Isso faz com que a história se torne mais interessante e expressiva.

Esse tipo de criação faz os estudantes prestarem muita atenção e se concentrarem para fazer o som na hora certa. A conscientização de que é preciso esperar até chegar sua vez de emitir som (ou tocar um instrumento, dependendo do caso) é parte importante do processo do fazer musical coletivo. Sem perceber, os estudantes estão dando o primeiro passo para a elaboração de um arranjo musical.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
UNIDADE 3
DA EDITORA DO BRASIL

PLANO DE AULA: FOLGUEDOS

Duração: 1 aula.

Habilidades trabalhadas:

- EF15AR22
- EF15AR25

Componentes essenciais de alfabetização da PNA:

- Consciência fonológica.
- Desenvolvimento de vocabulário.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 1

Tema: Folguedos e personagens.

Objetivo: Abordar conceitos sobre festejos brasileiros e sua relação com as linguagens artísticas, especialmente o teatro.

Material:

- não há material necessário.

Onde fazer: Sala de aula.

INTRODUÇÃO

Essa proposta trabalha com os estudantes dois aspectos importantes da cultura popular e do teatro: as principais características de um folguedo e personagens.

Nesta unidade, os estudantes aprendem sobre os festejos do Bumba Meu Boi entrando em contato com a ideia de folguedos. É importante que tenham compreendido o que são folguedos, visto que são muito comuns e característicos em nossa cultura. Os folguedos dizem muito sobre a cultura brasileira por meio da maneira de festejar, fazer música, criar histórias e personagens, cozinhar, dançar, do artesanato, das crenças... enfim, do modo de vida. É possível (e provável) que os estudantes já tenham participado de algum folguedo com a família, mas sem saber que era um folguedo. Quando falamos dessas características, eles podem começar a associar com festas que costumam frequentar e lembrar-se de algum festejo de que já participaram. Reconhecer semelhanças nos diferentes festejos é uma forma de identificar um pouco da cultura do país e da característica humana, que é a necessidade de cultivar tradições e celebrar coletivamente, com representações e brincadeiras nas ruas, reunindo a comunidade.

Sugerimos levá-los a refletir sobre o que é um folguedo pensando em suas características principais. Caso os estudantes não conheçam o festejo do Bumba Meu Boi, pesquise com eles essa manifestação cultural. Ao compreender as características do Bumba Meu Boi e a relação entre seu caráter popular e a Dança, o Teatro, a Música e as Artes Visuais, eles aprendem alguns dos aspectos mais comuns dos festejos. Deixe que

registrem no livro as principais características e compartilhem com a turma toda. Os folguedos reúnem diferentes linguagens artísticas, são festejados normalmente nas ruas e contam com a participação de muita gente da comunidade.

Depois desse breve estudo sobre o que são folguedos e de como carregam características da cultura das comunidades em que acontecem, os estudantes devem pensar em um folguedo que poderiam criar para celebrar algum aspecto da vida deles. Ajude-os perguntando o que acontece na cidade, no bairro ou no país que eles acham muito importante e gostariam de celebrar. Pode ser um animal típico do país, um alimento, uma época do ano de que gostem mais, o início das aulas, o início das férias, a praia, a vegetação... Do que gostam tanto que acham importante celebrar? Para ajudá-los, reflita com eles sobre as características do lugar onde vivem: É uma cidade grande ou pequena? A cidade é conhecida por algumas características específicas? – algumas cidades podem ter plantações importantes, praias bonitas, muito calor ou muito frio etc. Depois de evocar essa primeira ideia sobre a cidade, peça que façam o mesmo com o bairro, a casa e também o país. Eles podem escolher celebrar o que quiserem, mas o exercício de iniciar pensando na cidade os ajuda a compreender a proposta.

Depois de definirem um acontecimento a ser celebrado, ajude-os a pensar em como celebrariam esse festejo. Eles devem lembrar-se de que não basta apenas a música, dança, música e hinos, mas também teatro? Ou apenas um desfile de personagens? Uma dança com personagens, fantasias, máscaras? As possibilidades são muitas.

DESENVOLVIMENTO

Peça aos estudantes que compartilhem suas ideias, o que gostariam de celebrar, homenagear. Observe se surgiram acontecimentos similares ou se cada criança escolheu algo diferente. Mas avalie, principalmente, se colocaram na proposta a ideia do que é um folguedo.

Ao final, peça que desenhem como imaginaram a celebração.

Depois da realização da **atividade 2**, converse com os estudantes sobre os personagens do Bumba Meu Boi.

Os personagens são

- Pai Chico – é quem rouba o boi para dar a língua para sua esposa.
- Catirina – esposa de Pai Chico, estava grávida e com desejo de comer língua de boi.
- Fazendeiro – dono do boi.
- Vaqueiros – empregados da fazenda que saem em busca do boi.
- Curandeiro – aparece na história para ressuscitar o boi.

Depois, amplie o assunto com as questões: O que são personagens? Vimos que no folguedo do Bumba Meu Boi há muitos personagens típicos, assim como na maioria dos folguedos do Brasil. Onde mais existem personagens?

Espera-se que os estudantes se lembrem de outras linguagens nas quais aparecem personagens, como teatro, literatura, filmes, desenhos... E entendam que são seres criados com características específicas e podem ser representados por outras pessoas. Pergunte: Quais personagens de filmes e desenhos vocês se lembram e sabem dizer as características? Já viram algum personagem com características parecidas com as dos personagens da festa do Bumba Meu Boi?

Peça aos estudantes que façam o “caça-palavras” com os nomes de algumas figuras do folguedo. Peça-lhes que procurem esses nomes e, ao encontrarem um, tentem lembrar-se qual é o personagem e suas características.

A partir da descrição dos personagens, converse com eles sobre a função de cada um na festa e no enredo, reforçando as características físicas e da personalidade de cada um, das roupas, dos adereços, das máscaras ou dos bonecos que conhecerem.

A partir dessa compreensão do que são os personagens, peça para cada estudante criar, no caderno, seu próprio personagem. Ele podem desenhar, dar um nome e contar quais são suas características.

ENCERRAMENTO

Além de conhecer os personagens, os estudantes trabalharão a identificação das palavras. Caso ainda não estejam alfabetizados e não consigam identificar as palavras sozinhos, aproveite e peça que falem os nomes enquanto você os escreve na lousa, de modo que tenham uma referência na hora de buscar as palavras.

PLANO DE AULA: INSTRUMENTOS E BONECO DA FESTA

Duração: 4 aulas.

Habilidade trabalhada:

- EF15AR21

Componentes essenciais de alfabetização da PNA:

- Consciência fonológica.
- Desenvolvimento de vocabulário.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 1

Tema: Instrumento do Bumba Meu Boi: maracá.

Objetivo: Construir um instrumento típico do Bumba Meu Boi, o maracá, com materiais recicláveis.

Material:

- 2 garrafas PET;
- grãos diversos;
- tubo de papelão (de rolo de papel-alumínio, por exemplo);
- fita-crepe;
- tesoura com pontas arredondadas;

Onde **MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL** em ser realizada para que os estudantes tenham bastante espaço para organizar os materiais e construir os instrumentos.

INTRODUÇÃO

Para ampliar o conhecimento dos estudantes a respeito da festa do Bumba Meu Boi e deixar que criem e coloquem características pessoais no evento, vamos proporcionar a oportunidade de construir dois elementos fundamentais para o festejo: o boneco e os instrumentos musicais. É importante deixar claro que as sugestões aqui servem para dar início à construção, mas as crianças são muito criativas e não só podem como devem expressar as próprias

características, tanto nos bonecos quanto nos instrumentos. Deixe que façam seu boi, com suas cores, seus enfeites, sua forma de vestir. Os instrumentos também podem ser decorados como quiserem, o ideal é que cada um pesquise e explore materiais de sucata para descobrir sonoridades e decidir a forma de construir o instrumento. Oriente-os para que não fiquem presos às instruções; elas são apenas sugestões! No final, junte tudo para que a turma brinque com a música, a dança e a representação.

A música é parte fundamental na festa do Bumba Meu Boi. Conhecer os instrumentos que fazem parte dela é uma forma de aproximar os estudantes dessa manifestação musical. Baseado no conhecimento desses instrumentos, vamos proporcionar-lhes que construam instrumentos musicais parecidos, mas pesquisando e explorando sonoridades para dar novas características a eles.

Construir instrumentos musicais é uma atividade que sempre deve acompanhar o processo de aprendizagem musical. Ao elaborar instrumentos, os estudantes fazem inúmeras descobertas a respeito do mecanismo e funcionamento dos instrumentos musicais e, conseqüentemente, a respeito dos sons, de suas características e qualidades.

DESENVOLVIMENTO

Para que eles de fato pesquisem e descubram que diferentes materiais resultam em diferentes tipos de som, é importante que tenham acesso a diversos materiais e possam experimentar como querem construir seus instrumentos. Sugerimos fazer o instrumento com sucata, mas deve ficar claro que essa é uma possibilidade, e quanto mais vocês explorarem possibilidades diferentes, mais rica será a experiência e as descobertas dos sons.

O maracá usado no folgado do Bumba Meu Boi é um tipo de chocalho feito de metal. O som é mais estridente, justamente por causa do metal. Propomos fazer um maracá de plástico, pela dificuldade em trabalhar com metal. Mas é possível experimentar com outros materiais, por exemplo, uma lata de refrigerante.

Os maracás podem ter vários formatos, mas é comum o formato “balão”. Com o corte e a

junção de duas garrafas PET dá para chegar próximo desse formato. Mas você pode abrir mão desse formato e optar por outro material; por exemplo, uma lata.

Os maracás são chocalhos que têm um cabo para segurar e tocar. Sugerimos o uso dos tubos duros de papelão, como os rolos de papel-alumínio, por exemplo. Também pode ser usado um cano ou qualquer outro material que vocês julgarem conveniente para isso. O importante é encontrar uma maneira de prender o cabo no recipiente (seja garrafa ou lata).

O que será colocado dentro do recipiente pode variar. Sugerimos grãos (milho, feijão, arroz etc.), sementes, pedrinhas pequenas ou miçangas. O ideal é ter uma variedade de materiais na hora da construção e deixar os estudantes escolherem como querem fazer, tentando para encontrar o som que desejam. Por exemplo, eles podem colocar um tanto de feijão, chacoalhar e escutar o som. Depois, trocar para pedrinhas e verificar o som... assim, perceberão a diferença ao usar muito ou pouco conteúdo dentro do recipiente e materiais diversos, ou seja, pesquisar como os diferentes materiais produzem diferentes sons. Os estudantes não precisam fazer o instrumento da mesma forma, como uma receita de bolo pronta. É interessante que, ao final, tenham construído instrumentos parecidos, porém com sonoridades diferentes, e que possam comparar os diferentes sons, percebendo a diferença entre as miçangas; por exemplo: se usar arroz, o som fica mais pesado do que o arroz, o som fica mais forte. Se lotar o recipiente de grãos, eles ficam sem espaço para se movimentar e o som é menor. O som na lata é mais estridente do que no plástico. Na lata, o arroz faz um som diferente do que no plástico, e o som do feijão na lata também é outro etc.

Outro instrumento muito presente no Bumba Meu Boi, a matraca, é um instrumento que “já vem pronto”. Você pode, após a construção do maracá, propor aos estudantes que façam uma matraca. O que vocês precisam é encontrar pedaços de madeira que, ao serem percutidos um no outro, produzam um som interessante. Na festa do Bumba Meu Boi, o som é agudo e as matracas são tábuas de madeira plana. Sugerimos usar cabos de vassoura (cortados), pela

facilidade de serem encontrados. Tacos antigos (de piso) são ótimos para esse fim, mas nem sempre são fáceis de achar. Podem ser usadas também sobras de madeira de construção.

ENCERRAMENTO

Após construir os instrumentos, é interessante enfeitá-los para ficarem com aspecto de instrumento pronto. A forma de enfeitar é totalmente livre, os estudantes podem empregar as próprias ideias e características. Podem pintar, usar muitas ou poucas cores, como preferirem.

Depois de prontos, usar os instrumentos é essencial. Peça que toquem acompanhando alguma toada da festa do Bumba Meu Boi.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2

Tema: Afinação de tambores.

Objetivo: Compreender o mecanismo e o funcionamento de instrumentos musicais como o pandeirão (do Bumba Meu Boi), no que diz respeito a sua afinação, a partir da construção de tambor de bexiga.

Material:

- latas vazias e limpas (de creme de leite, molho de tomate, leite condensado etc.). Se usar latas maiores, serão necessárias bexigas maiores;
- bexigas tamanho 9;
- fita-crepe;
- tesoura com pontas arredondadas.

Onde fazer: As atividades podem ser realizadas em local externo para que os estudantes tenham bastante espaço para organizar os materiais e construir os instrumentos.

INTRODUÇÃO

Aqui temos mais uma oportunidade de compreender um pouco o funcionamento e o mecanismo dos instrumentos musicais. Muitas vezes, os estudantes – e não só eles, mas todos os que não conhecem esse assunto – tocam os

instrumentos e não têm a menor ideia de como produzem determinado som. Ao participar das experiências de construção de instrumentos, os estudantes descobrem coisas sobre instrumentos que já conhecem, mas que não tinham consciência de sua forma de produção sonora.

Os tambores funcionam com peles de animal ou sintéticas presas em alguma estrutura que pode ser de metal, madeira, plástico etc. Os pandeirões usados na festividade do Bumba Meu Boi, em geral, são grandes tambores de 45 a 60 cm de diâmetro, feitos de pele de animal e de madeira. A pele, presa na estrutura de madeira, é afinada de acordo com a tensão: quanto mais esticada, a altura (grave ou agudo) se modifica. O fogo é utilizado para alterar essa tensão da pele, ou seja, para afinação do instrumento.

DESENVOLVIMENTO

Com a construção do tambor de bexiga, percebemos a mudança na altura do som de acordo com a tensão da bexiga, esticando-a ou afrouxando-a. Claro que não usaremos fogo, mas a afinação é feita puxando ou esticando a bexiga com a mão. Deixe que os estudantes façam a experiência de esticar a bexiga para observar a diferença nos sons.

Pergunte: O que muda se esticarmos bem a bexiga? E se soltarmos um pouco? Para construir o tambor é importante usarem uma bexiga resistente e elástica. Há seqüências de bexigas menores que são usadas para serem esticadas. Se você pretende usar latas maiores, como as de achocolatado, por exemplo, será necessário usar bexigas grandes para esticá-las sem rasgar.

Quando a bexiga é esticada, normalmente se forma um “bico” no meio, que fica frouxo. É importante esticar mais, até eliminar o bico e a bexiga ficar totalmente lisa.

A bexiga deve ser presa com fita-crepe ao redor da lata. Depois, os estudantes podem também enfeitar seus tambores. Esse acabamento não interfere no som, mas deixa a peça com um aspecto de instrumento musical de verdade.

Na hora de tocar, eles podem usar baquetas e/ou beliscar a bexiga. Ao beliscar e soltar a bexiga, é produzido um som bem interessante e diferente. As baquetas podem ser construídas

com palitos de churrasco ou *hashi*, prendendo uma rolha na ponta. Caso não seja possível usar uma rolha, pode-se enrolar fita-crepe na ponta do palito para deixá-la mais grossa.

ENCERRAMENTO

Com os tambores, os maracás e as matracas prontas, convide os estudantes para tocarem juntos acompanhando uma toada do boi.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 3

Tema: Criando um boneco: o boi.

Objetivo: Aprender a construir um boneco/boi, a vestimenta dele e suas caracterizações.

Material:

- caixa de papelão grande;
- cartolina;
- TNT, cartolina, papel crepom, feltro ou outro material para forrar a caixa;
- tubo de papelão;
- tesoura com pontas arredondadas;
- cola;
- lantejoulas, retalhos de tecido, fitas de cetim e materiais diversos para enfeitar.

Onde fazer: As atividades podem ser realizadas em local externo para que os estudantes tenham bastante espaço para organizar seus materiais, construir os bonecos e fazer a movimentação com o boneco do boi.

INTRODUÇÃO

A indumentária é muito importante nos festejos do Bumba Meu Boi. Não apenas o boneco do boi, mas todas as roupas, os enfeites, as máscaras e as pinturas são parte essencial da festa. Os integrantes dos diferentes grupos passam um bom tempo nesses preparativos. O folguedo, além da música, do teatro e da dança, também é rico pelo artesanato. Antigamente tudo isso era confeccionado pelos próprios brincantes; depois que os folguedos ganharam proporção maior, tudo passou a ser feito por

costureiras, às vezes contratadas para trabalhar para um grupo; outras vezes voluntárias integrantes do grupo. Em todos os casos, é um longo processo, que dura meses, e é muito importante para todos os envolvidos.

DESENVOLVIMENTO

É interessante pensar que, de início, cada brincante que representava o boi na festa era responsável por construir e decorar o próprio boi para vestir. Isso significa que esse brincante, além de acrescentar características pessoais ao festejo com seus movimentos e sua forma de se expressar, também criava a estética do boi.

A ideia nesse momento é que cada estudante crie o próprio boi, com as características dos bois que conhecemos, mas também colocando a própria marca, as próprias características. Eles vão construir um boi/boneco de armação para vestir, com liberdade para criar, decorar e caracterizar.

É importante saber que há muitas formas de construir um boi. Tanto as mais tradicionais, comumente usadas nos grupos no Maranhão e nos demais lugares onde essa tradição é forte, quanto possibilidades mais modernas, com materiais sintéticos e mais fáceis de serem construídos. Apresentamos aqui uma forma simples de construção, para que os estudantes possam, de fato, colocar a mão na massa e criar o boi. Mas não há nada que impeça outras formas ou dar novas ideias com materiais que tenha à disposição.

ENCERRAMENTO

O boi, na festividade do Bumba Meu Boi, não tem um buraco para o brincante ficar no meio, com o corpo e a cabeça para fora. A pessoa que brinca tem de ficar com o boneco cobrindo seu corpo e sua cabeça. Alguns personagens, como a burrinha, são bonecos para vestir e deixam o corpo e a cabeça do brincante de fora. É interessante construir a burrinha também, outro personagem dessa manifestação, por ser mais simples para as crianças manusearem depois, visto que nem sempre é fácil para elas dançar

e movimentar-se com o corpo coberto pelo boneco. Vocês também podem fazer a construção usando caixa de papelão, deixando os dois lados da caixa abertos e colando fitas nas laterais da caixa, que servirão de alça para quem vestir o boneco.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 4

Tema: Vestindo o boneco do boi.

Objetivo: Experimentar movimentos e experimentar a brincadeira do Bumba Meu Boi vestindo o boneco.

Material:

- boneco do boi;
- instrumentos musicais.

Onde fazer: As atividades podem ser realizadas em local externo para que os estudantes tenham bastante espaço para fazer a movimentação com o boneco do boi e tocar os instrumentos.

INTRODUÇÃO

Vestir bonecos como o boi e a burrinha é bastante típico não só na festa do Bumba Meu Boi mas em diversos folguedos; faz parte das tradições populares e de nossas festas. Os brincantes vestem os bonecos e representam os personagens dançando e brincando. O uso desses bonecos/vestimentas altera as possibilidades de movimento. Apesar de serem feitos com materiais leves, há algum peso que interfere na movimentação, além de serem cheios de enfeites. Se por um lado limitam alguns movimentos, acabam por fazer com que se criem outros que se tornam característicos do personagem.

Na festa do Bumba Meu Boi, apesar da forma de dançar típica, transmitida de geração a geração, há muita liberdade para cada brincante criar a própria forma de se movimentar e interpretar seu personagem, seja o próprio boi ou os demais. Há muitas diferenças entre os grupos e entre os brincantes, e isso torna cada festa ainda mais rica.

O brincante que representa o boi é conhecido como “miolo”. Ele entra na armação do boneco do boi e dá vida a ele. Com ele, brinca, rodopia, vai para o chão, ocupa espaços. Segue os comandos do vaqueiro que, normalmente, dança perto dele, mas se relaciona com os outros personagens. O miolo segue os acontecimentos da encenação e conhece bem todas as características do personagem, mas improvisa muito na festa.

Embora cada grupo de brincantes tenha uma característica marcante de seu bailado, não há uma preocupação quanto à homogeneização do momento de que esse seja executado, o que nos dá a compreensão de que não há uma coreografia de grupo, cada um executa seu movimento no momento de sentir necessidade de fazê-lo. Brinca-se com o tempo e o espaço, com exceção feitas às tapuias, que, em alguns momentos, apresentam uniformidade de passos no tempo e espaço, mas também permitem-se fazer livremente o jogo das dinâmicas corporais já mencionadas.

VIANA, R. N. A. *apud* INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. *Complexo Cultural do Bumba Meu Boi do Maranhão: dossiê do registro*. São Luís: Iphan-MA, 2011. Disponível em: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossie_bumba_meu_boi\(1\).pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossie_bumba_meu_boi(1).pdf). Acesso em: 7 abr. 2021.

Levantar a ideia de que cada um deve ter liberdade de fazer a própria movimentação do jeito que quiser, estimulando a criatividade. Ao mesmo tempo, observe o que fazem de semelhante espontaneamente ao vestir os bonecos/trajes.

DESENVOLVIMENTO

A prática convida os estudantes a vestir os bonecos construídos e, novamente, dançar e pesquisar movimentos. Para isso, procure alguma toada do Bumba Meu Boi ou outro folguedo brasileiro. É possível que eles apenas corram, pulem ou ainda não façam movimento nenhum, se ficarem com vergonha. Estimule-os: peça que pensem nos movimentos do boi quando ele segue um vaqueiro e que usem todos os espaços. Como você se sente ao vestir o boi? Que movimentos tem vontade de fazer ao vesti-lo? O mesmo deve ser feito com a burrinha, caso tenham construído uma.

ENCERRAMENTO

Para finalizar, coloque uma música para tocar e deixe que brinquem de Bumba Meu Boi usando os bonecos e os instrumentos que construíram, dançam, toquem e brinquem!

UNIDADE 4

PLANO DE AULA: LINHAS E CORES

Duração: 1 aula.

Habilidade trabalhada:

- EF15AR02

Componentes essenciais de alfabetização da PNA:

- Consciência fonológica.
- Desenvolvimento de vocabulário.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 1

Tema: Linha e cor.

Objetivo: Fixar conceitos sobre linhas e cores.

Material:

- lápis grafite, se possível mais macio (4B ou 6B), mas pode ser usado qualquer tipo de lápis;
- tinta guache ou similar, nas cores azul, vermelho, amarelo e branco;
- pincéis, de preferência chatos. Se não houver, pode ser usado o próprio dedo;
- potes, copos ou outros recipientes para a mistura de cores.

Onde fazer: As atividades podem ser feitas em sala de aula, no pátio ou na quadra poliesportiva.

INTRODUÇÃO

Esta atividade trabalha as qualidades da linha e da cor, dois temas de base na linguagem das

artes visuais. É muito importante que os estudantes sintam-se livres para essa exploração. Mais do que qualquer explicação, é a experimentação que garante compreensão mais profunda das possibilidades diferentes no uso da linha.

DESENVOLVIMENTO

Começamos com as linhas das mãos, buscando exploração corporal ao mesmo tempo em que se explora a materialidade e a linguagem.

Se puder, disponibilize um tempo para que observem as mãos e os diferentes tipos de linha. Um recurso que ajuda é colorir a mãos com uma camada de tinta e imprimi-la no papel, o que evidencia as linhas.

Depois que virem suas próprias linhas, peça que se juntem em trios e coloquem as três impressões lado a lado. Eles podem olhá-las de perto, explorá-las e comentar as diferenças entre elas.

Na hora que forem riscar as linhas no livro, chame a atenção para as características delas: se são contínuas, tracejadas, circulares, paralelas etc. Faça a conexão com a linha desenhada, que também pode ter tantas variações quanto desejarmos. É comum que só se experimente a linha contínua que contorna as formas, deixando de lado a riqueza de possibilidades que a linha apresenta.

Além da linha, vamos explorar as cores.

Aqui vamos explorar as tonalidades de uma mesma cor, misturando as cores com níveis de luz para a mesma cor.

Para isso, os estudantes devem trabalhar com as cores primárias e acrescentar uma pequena quantidade de branco a cada etapa. A ideia é trabalhar com gradação, de modo que percebam essa progressão por meio da experiência. A cor tende a ficar mais luminosa, porém mais distante da vibração da cor original.

Auxilie-os na adição do branco, um pouco de cada vez, e, de preferência, nas mesmas quantidades a cada acréscimo. Essa regularidade na adição vai garantir um resultado final com uma progressão proporcional de tons. Essa precisão não é tão rígida, menos ainda obrigatória, mas pode facilitar na hora de compreender as nuances das diferentes tonalidades.

Depois que todos tiverem praticado com todas as cores, converse com eles sobre suas observações a respeito do que descobriram. Antes de falar, ouça o que trazem da própria experiência e exploração. Articule as descobertas para contemplar tudo o que a turma aprendeu, alternando o momento de cada estudante falar e retomando os aprendizados quando se repetirem.

ENCERRAMENTO

Para finalizar, a proposta é que eles explorem essa possibilidade mais livremente, misturando tintas com cores puras a tintas com diferentes tonalidades, para criar uma pintura baseada no que aprenderam.

Como desdobramento, você pode propor uma pintura em que eles usem as duas etapas de experimentação: as linhas e as cores. Diferentemente das propostas já vivenciadas, entretanto, eles podem explorar o que experimentaram com as linhas, mas sem a referência direta da mão. Para facilitar, podem pensar em imagens que as linhas criadas os fizeram lembrar. Por exemplo, das linhas paralelas pode surgir um riacho; das linhas que se bifurcam, uma árvore; e assim por diante. Da mesma maneira, eles podem usar diferentes tonalidades da mesma cor para trabalhar uma superfície. No exemplo do riacho, diferentes tonalidades de azul; no da árvore, de verde etc.

PLANO DE AULA: LINHAS E CORES DA NATUREZA

Duração: 2 aulas.

Habilidades trabalhadas:

- EF15AR03
- EF15AR05
- EF15AR25

Componentes essenciais de alfabetização da PNA:

- Consciência fonológica.
- Desenvolvimento de vocabulário.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 1

Tema: Grafismos.

Objetivo: Aprofundar a investigação com linhas e cores a partir do universo da cultura indígena.

Material:

- lápis grafite, se possível mais macio (4B ou 6B), mas pode ser usado qualquer tipo de lápis.

Onde fazer: As atividades podem ser feitas em sala de aula, no pátio ou na quadra poliesportiva.

INTRODUÇÃO

A proposta aqui não é, de modo algum, buscar a reprodução fiel dos grafismos das imagens. Ao contrário, trata-se de explorar possibilidades da linha observando alguns códigos expressos nos grafismos indígenas.

DESENVOLVIMENTO

Para que tentem reproduzir o desenho, primeiro movimento proposto aqui, os estudantes precisam observar as características da linha, como direção, distância, repetição, as linhas que se formam do encontro de dois traçados diferentes, entre outras possibilidades. Deixe bem claro que não se espera uma imitação, uma simples reprodução exata do que estão vendo. Isso inclui uma desconstrução da ideia de um desenho “bom”, que usa o parâmetro da verossimilhança. Esse tipo de pensamento, além de deslocado e distante das questões realmente relevantes da linguagem, pode gerar marcas profundas nos estudantes, que podem começar a achar que “não sabem desenhar”. Colocar um parâmetro de uma suposta qualidade na capacidade de copiar a realidade é um grande equívoco.

Deixe bem claro que não se espera uma imitação. Os estudantes devem aproveitar para

explorar esse universo tão rico dos grafismos indígenas, e, sobretudo, fazer experimentações.

Você pode chamar a atenção também para o fato de que esses grafismos representam elementos da natureza, como indicado nas legendas. O zigue-zague indica o modo que as cobras caminham e o rastro que deixam na terra, por exemplo.

A prática propõe dois momentos. O primeiro, de observação, é muito importante. Se puder, caminhe com os estudantes por algum lugar da escola para observar elementos naturais como folhas, insetos, flores, céu, nuvens, desenho do vento nas folhas... O importante é observarem como esses elementos podem ser representados.

Neste primeiro momento, eles devem desenhar o objeto como o veem. Atenção: esta é uma ótima oportunidade de fugir de desenhos estereotipados. É muito comum que quando pedimos ao estudante que desenhe uma árvore, por exemplo, ele faça uma representação genérica e bastante difundida. Peça que observem bem as linhas, as formas, as características daquela árvore específica que escolheram: com o que o tronco se parece; se é inclinado ou comprido; se há muitos ou poucos galhos que saem da base; como são as folhas etc. Vale também uma conversa sobre as muitas e diferentes maneiras de representar a mesma coisa, e essa é a riqueza da diversidade: cada um tem um traço pessoal e característico.

ENCERRAMENTO

No segundo e último momento, há a transposição desse desenho para uma simplificação. A ideia é preencher o desenho com linhas, aproximando-se da experiência anterior com o grafismo indígena. Aqui não estamos mais observando os elementos naturais como são, mas experimentando representá-los com diferentes usos da linha. Retome as experimentações anteriores com linha para aprofundar a investigação.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA 2

Tema: Tintas com ingredientes naturais.

Objetivo: Explorar possibilidades da materialidade da pintura para produzir linhas no próprio corpo.

Material:

- 3 potes ou copinhos;
- cola branca;
- um pouco de água;
- pigmentos naturais secos, como cacau em pó, urucum em pó (colorau), cúrcuma em pó, terras peneiradas da cor que encontrar, canela em pó, gengibre em pó, entre outros.

Onde fazer: As atividades podem ser feitas em sala de aula, no pátio ou na quadra poliesportiva.

INTRODUÇÃO

Exploramos aqui tintas feitas com elementos naturais. Os materiais das tintas são simples e possibilitam uma ampla gama de experimentações. Anime-os a fazer essa exploração; mas atenção: use apenas ingredientes não industrializados e dialogue com as famílias previamente para evitar qualquer tipo de alergia em alguma criança.

A ideia é que cada estudante faça três cores diferentes, mas a turma toda pode produzir muito mais. Depois de todos terem executado a tarefa, junte os livros ou peça que troquem entre eles para que vejam os resultados e a gama de tintas que produziram nessa experimentação. Chame a atenção também para as diferentes texturas de cada tinta: algumas serão mais lisas, outras terão alguns grãos maiores. Isso também é parte da materialidade dessas tintas.

Em seguida, forme grupos menores, para que possam compartilhar as tintas que fizeram e usá-las em uma pintura com diferentes cores. Cada estudante deve pintar no próprio livro, mas o grupo compartilhará a mesma paleta de cores e as tonalidades criadas nesta prática. Para isso, você pode criar um grande painel em que todos façam uma

pequena mancha com as tintas criadas. Esse painel será útil para visualizar todas as tintas feitas.

DESENVOLVIMENTO

Na prática da **Etapa 4**, propomos uma amarração de todo o conteúdo trabalhado nesta seção. Retome as explorações anteriores: as particularidades e as diversas maneiras de criar linhas, as diferentes tonalidades e o resultado que causam na pintura de determinadas áreas e objetos, os diversos modos de representar o mesmo objeto, que pode ser desenhado como o vemos ou de maneira simplificada. Por meio de uma conversa, retome as atividades anteriores, conectando os conhecimentos acerca da linha, da cor e da diversidade da cultura indígena brasileira.

Para a pintura corporal, é fundamental usar materiais naturais que não provoquem alergias. A checagem anterior com a família é essencial. Aproveite a ocasião dessa checagem para comentar como os indígenas devem ter chegado até a composição de suas tintas naturais, instigando a curiosidade dos estudantes sobre isso. Sabemos que esse tipo de procedimento é ensinado a cada geração, mas certamente modificações, maiores ou menores, podem ser feitas a partir de experimentações diferentes. De modo geral, o uso de temperos em pó (com exceção de pimentas e alimentos picantes) não deve apresentar problemas nesse sentido, mas, por segurança, instrua-os a aplicar as tintas apenas nos braços, nas pernas e nas mãos e a evitar a região do rosto. Logo após a aula, eles devem lavar as áreas pintadas, especialmente para evitar a exposição prolongada ao sol. Se, mesmo tendo pesquisado as alergias com a família, algum estudante apresentar coceiras ou vermelhidão, lave imediatamente a área.

ENCERRAMENTO

Se eles quiserem, podem praticar os desenhos no papel antes de pintar o corpo. O importante é partir das explorações já realizadas, e não pintar qualquer parte do corpo. Ajude-os a manter a coerência na exploração das linhas e cores, para que, de fato, a atividade seja um fechamento de todas as práticas anteriores.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf. Acesso em: 27 abr. 2021.

A BNCC é o documento do Ministério da Educação que define as aprendizagens, competências e habilidades que todos os estudantes do Brasil devem desenvolver em cada etapa da Educação Básica.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Alfabetização. *PNA: Política Nacional de Alfabetização*. Brasília, DF: MEC: Sealf, 2019. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/images/banners/caderno_pna_final.pdf. Acesso em: 20 abr. 2021.

Institui a Política Nacional de Alfabetização, cujo objetivo é melhorar a qualidade da alfabetização no território brasileiro e combater o analfabetismo absoluto e o analfabetismo funcional.

BRIKMAN, Lola. *A linguagem do movimento corporal*. São Paulo: Summus, 1989.

Nessa obra, a autora mostra a importância do conhecimento do processo individual para expandir a percepção para os aspectos físicos e psíquicos do corpo e suas interações na expressão corporal.

CHIOVATTO, Milene. *O professor mediador*. Viamão: Fundação Vera Chaves Barcellos, [2012]. Disponível em: http://fvcb.com.br/site/wp-content/uploads/2012/05/Canal-do-Educador_O-Professor-Mediador.pdf.

Acesso em: 22 abr. 2021.

O texto **MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL** insere a prática docente em Arte ao abordar vários papéis assumidos pelo professor, desde sua atuação cotidiana até as particularidades da atividade em sala de aula.

COCCHIARALE, Fernando. *Quem tem medo da arte contemporânea?* Recife: Massangana, 2006.

O autor aborda o receio de apreciar a arte contemporânea e se expressar em relação a ela, ressaltando o quanto a necessidade de entender tudo rapidamente atrapalha o percurso de sentir uma obra.

COLL, César; TEBEROSKY, Ana. *Aprendendo arte: conteúdos essenciais para o Ensino Fundamental*. São Paulo: Ática, 2000.

O livro aborda os elementos da linguagem e explora as materialidades nas linguagens da arte.

KOUDELA, Ingrid D. *Jogos teatrais*. São Paulo: Perspectiva, 2013.

A teoria e a prática do jogo teatral em sala de aula são uma nova maneira de abordar o ensino do teatro. O texto contribui de modo fundamental para a reflexão acerca da ação cultural e pedagógica do teatro.

MARTINS, Mirian C.; PICOSQUE, Gisa. *Mediação cultural para professores andarilhos na cultura*. 2. ed. São Paulo: Intermeios, 2012.

As autoras propõem várias situações para o leitor construir a própria percepção da mediação cultural propiciando reflexões sobre o fazer e o pensar no universo da arte.

MÖDINGER, Carlos Roberto et al. *Práticas pedagógicas em artes: espaço, tempo e corporeidade*. Porto Alegre: Edelbra, 2012.

Os autores apresentam sugestões de trabalho com as linguagens da arte e criam oportunidades de produzir, apreciar, contextualizar e compreender a arte como construção social e cultural.

PREGNOLATTO, Daraína. *Criandança: uma visita à metodologia de Rudolf Laban*. Brasília, DF: LGE, 2004.

Fundamentada nos estudos de Rudolf Laban, o maior teórico da dança do século XX, a autora traz figuras e ideias de atividades de movimento a serem exploradas com as crianças.

RIBEIRO, Maristela Maria. *Grafismo indígena: influência grafismo corporal*. 2012. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Artes Visuais) – Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2012. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/5570/1/2012_MaristelaMariaRibeiro.pdf. Acesso em: 22 abr. 2021.

A autora enfoca o grafismo corporal na pintura de cinco etnias buscando a valorização da arte indígena.

RICO, Rosi. *Conheça e entenda as competências gerais da BNCC*. Nova Escola, São Paulo, c2021. Disponível em: <https://novaescola.org.br/bncc/conteudo/1/conheca-e-entenda-as-competencias-gerais-da-bncc>. Acesso em: 12 maio 2021.

O texto traz explicações sobre a BNCC e as competências gerais.

SANT'ANNA, Renata. *Saber e ensinar arte contemporânea*. São Paulo: Panda Books, 2010.

Obra que dialoga, por meio do repertório e de atividades sugeridas.

SCHAFFER, Murray. *A afinação do mundo*. 2 ed. São Paulo: Editora Unesp, 2020.

A paisagem sonora – termo cunhado pelo próprio autor – é o ambiente sonoro que nos rodeia.

BEM-ME-QUER

mais

ARTE

LIVRO de PRÁTICAS e ACOMPANHAMENTO da APRENDIZAGEM

Maria Helena Webster (Coordenação)

Especialista em História da Arte pela Universidade de Caxias do Sul (UCS)
Graduada em Artes Plásticas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
Coordenadora de livros didáticos de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio
Formadora de coordenadores e professores em Arte
Autora de livros dirigidos aos professores de Educação Infantil
Idealizadora e autora de conteúdo de site de Educação Infantil

Kathya Maria Ayres de Godoy

Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)
Mestre em Psicologia da Educação pela PUC-SP
Docente do Programa de Pós-graduação em Artes do Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista (Unesp)
Autora de livros dirigidos à formação de professores da Educação Básica
Pesquisadora em Dança, Arte e Educação e líder de grupo de pesquisa credenciado pelo CNPq

Mairah Rocha

Formada em Música pela Faculdade Santa Marcelina (FASM)
Cantora e percussionista corporal
Educadora musical
Formadora de professores especialistas e generalistas na área de Música
Coautora de livros paradidáticos na área de Música para a Educação Infantil
Professora especialista de Música na Educação Infantil e Ensino Fundamental – Anos Iniciais no ensino formal
Professora de Música e Percussão Corporal para crianças, jovens e adultos em oficinas livres

Maucha Rocha Barros

Formada em Comunicação das Artes do Corpo – habilitação em Teatro pela Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP)
Licenciada em Artes pela Faculdade Belas Artes de São Paulo
Coordenadora de escola de música e teatro em São Paulo
Formadora de professores nas áreas de Teatro e Música
Coautora de livros paradidáticos na área de Música para a Educação Infantil
Colaboradora de livros didáticos na área de Arte para o Ensino Fundamental
Professora especialista de Teatro em cursos livres e Música na Educação Infantil e no Ensino Fundamental – Anos Iniciais

Stella Ramos

Formada em Educação Artística pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)
Pesquisadora, formadora, mediadora e coordenadora de projetos em Educação e Arte/Cultura
Desenvolvedora de materiais e jogos educativos para instituições culturais
Autora e coautora de ações artísticas que mesclam poesia e artes visuais
Pesquisadora e arte-educadora em Artes Visuais
Autora de livros didáticos para o Ensino Fundamental – Anos Finais e o Ensino Médio
Autora de disciplina sobre artes híbridas e escola contemporânea em curso de formação a distância para professores de Arte



**Ensino Fundamental
Anos Iniciais
Arte**

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

1ª edição
São Paulo, 2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Bem-me-quer mais : arte, 1º ano : livro de práticas e acompanhamento da aprendizagem / Kathy Maria Ayres de Godoy ... [et al.]; Maria Helena Webster (coordenação). -- 1. ed. -- São Paulo : Editora do Brasil, 2021. -- (Bem-me-quer mais arte)

Outros autores: Mairah Rocha, Maucha Rocha Barros, Stella Ramos

ISBN 978-65-5817-820-0

1. Arte (Ensino fundamental) I. Godoy, Kathy Maria Ayres de. II. Rocha, Mairah. III. Barros, Maucha Rocha. IV. Ramos, Stella. V. Webster, Maria Helena. VI. Série.

21-68902

CDD-372.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Arte : Ensino fundamental 372.5

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

© Editora do Brasil S.A., 2021
Todos os direitos reservados

Direção-geral: Vicente Tortamano Avanso

Diretoria editorial: Felipe Ramos Poletti

Gerência editorial de conteúdo didático: Erika Caldin

Gerência editorial de produção e design: Ulisses Pires

Supervisão de artes: Andrea Melo

Supervisão de editoração: Abdonildo José de Lima Santos

Supervisão de revisão: Elaine Silva

Supervisão de iconografia: Léo Burgos

Supervisão de digital: Priscila Hernandez

Supervisão de controle de processos editoriais: Roseli Said

Supervisão de direitos autorais: Marilisa Bertolone Mendes

Supervisão editorial: Gabriela Hengles

Edição: Ana Okada e Mariana Tomadossi

Assistência editorial: Felipe Adão e Marcelo Nardeli

Revisão: Amaral, Mariana, Irineide de Almeida, Bruna de Oliveira, Fernanda Sanchez, Flavia Gonçalves, Gabriel Ornelas, Jonathan Busato, Mariana Paixão, Nara de Fátima

Pesquisa iconográfica: Daniel Andrade e Marcia Sato

Design gráfico: Estúdio Chaleira - Cristiane Viana

Capa: Caronte Design e Patricia Lino

Edição de arte: Aline Maria, Gisele Oliveira, Patricia Lino e Talita Lima

Assistência de arte: Letícia Santos

Ilustrações: Diogo Ferreira, Fabiano Moura e Jacque Lima

Editoração eletrônica: Studio Layout Ltda.

Licenciamentos de textos: Cinthya Utiyama, Jennifer Xavier,

Paula Harue Tozaki e Renata Garbellini

Controle de processos editoriais: Bruna Alves, Rita Poliane,

Terezinha de Fátima Oliveira e Valeria Alves

Diagramação: Mariana Paixão

Diagramação de arte: Mariana Paixão

Diagramação de texto: Mariana Paixão

1ª edição, 2021



Rua Conselheiro Nébias, 887
São Paulo/SP – CEP 01203-001
Fone: +55 11 3226-0211
www.editoradobrasil.com.br

Em respeito ao meio ambiente, as folhas deste livro foram produzidas com fibras obtidas de árvores de florestas plantadas, com origem certificada.

OLÁ, TUDO BEM?

AS ARTES PROPICIAM DIVERSAS EXPERIÊNCIAS QUE NOS PERMITEM EXPLORAR DIFERENTES ELEMENTOS DAS LINGUAGENS E ESTABELECEM RELAÇÕES ENTRE ELAS E OUTRAS ÁREAS DO CONHECIMENTO.

AGORA CONVIDAMOS VOCÊ A CRIAR NOVAS EXPERIÊNCIAS, PARA ASSIM FIXAR CONCEITOS E AMPLIAR CONTEÚDOS E POSSIBILIDADES RELACIONADOS AOS TEMAS GERAIS.

ESTE MATERIAL FOI DESENVOLVIDO PARA QUE VOCÊ FAÇA MUITAS ATIVIDADES PRÁTICAS, COM A “MÃO NA MASSA”, REFLETINDO SOBRE O QUE JÁ SABE PARA SE EXPRESSAR FAZENDO NOVAS DESCOBERTAS. BOAS PRÁTICAS!

AS AUTORAS

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL



SUMÁRIO

UNIDADE 1 • CORPO, EXPRESSÃO E DANÇA..... 5

O QUE VAMOS EXPLORAR?	5
PARA REVISAR E REFORÇAR	6
MOVIMENTANDO O CORPO.....	6
PARA AMPLIAR	8
MOVIMENTOS QUE OCUPAM ESPAÇOS.....	8

UNIDADE 2 • UM MUNDO

SONORO..... 11

O QUE VAMOS EXPLORAR?	11
PARA REVISAR E REFORÇAR	12
PAISAGEM SONORA.....	12
PARA AMPLIAR	14
PERCUTINDO O CORPO.....	14

UNIDADE 3 • BRINCAR, REPRESENTAR, DANÇAR E TOCAR..... 17

O QUE VAMOS EXPLORAR?	17
PARA REVISAR E REFORÇAR	18
FOLGUEDOS	18
PARA AMPLIAR	20
INSTRUMENTOS E BONECO DA FESTA.....	20

UNIDADE 4 • OLHAR PARA NOSSAS CORES..... 23

O QUE VAMOS EXPLORAR?	23
PARA REVISAR E REFORÇAR	24
LINHAS E CORES.....	24
PARA AMPLIAR	26
LINHAS E CORES DA NATUREZA.....	26

REFERÊNCIAS..... 30

MATERIAL COMPLEMENTAR..... 31

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

CORPO, EXPRESSÃO E DANÇA

O QUE VAMOS EXPLORAR?

NAS PRÓXIMAS PÁGINAS, VAMOS EXPLORAR O QUE NOS POSSIBILITA OCUPAR O ESPAÇO E COMO NOS MOVIMENTAMOS NO ESPAÇO AMPLIADO.

VAMOS COMEÇAR COMPREENDENDO NOSSOS OSSOS E O QUE OS UNE UM AO OUTRO.

PARA ISSO, FAÇA UM TESTE: APERTE UM BRAÇO COM A MÃO AGRUPANDO TODOS OS DEDOS COMO SE FOSSE UMA CONCHA. VOCÊ SENTE QUE HÁ UMA PARTE DURA, CERTO? SÃO NOSSOS MÚSCULOS E OS OSSOS QUE FICAM ABAIXO DELES.

SÃO OS MÚSCULOS E OS OSSOS QUE NOS MANTÊM EM PÉ.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

ENTRE OS MÚSCULOS E OS OSSOS HÁ UMA PARTE QUE DOBRA E ESTICA, COMO SE FOSSE UMA DOBRADIÇA QUE NOS POSSIBILITA ABRIR E FECHAR UMA PORTA. SÃO ESSAS PARTES QUE POSSIBILITAM NOS MOVIMENTARMOS.

AS “DOBRADIÇAS” DO NOSSO CORPO SÃO CHAMADAS DE ARTICULAÇÕES. E VOCÊ TEM MUITAS ARTICULAÇÕES NO CORPO, QUE ESTÃO DESDE O DEDO DO PÉ ATÉ A CABEÇA.

QUANDO DESCOBRIMOS TODAS AS POSSIBILIDADES DAS NOSSAS DOBRADIÇAS, PODEMOS CRIAR MUITAS HISTÓRIAS CORPORAIS.



PARA REVISAR E REFORÇAR

MOVIMENTANDO O CORPO

DOBRADIÇAS SÃO AS PARTES DO NOSSO CORPO QUE POSSIBILITAM O MOVIMENTO.



- 1** FORME UMA DUPLA COM UM COLEGA E FIQUE DE FRENTE PARA ELE. UM DA DUPLA DEVE CRIAR MOVIMENTOS ATÉ ACHAR UMA POSIÇÃO ESQUISITA PARA O COLEGA IMITAR. PODE SER DIFÍCIL SE EQUILIBRAR, MAS NÃO DESISTA. FAÇA VÁRIAS POSIÇÕES E DEPOIS TROQUE DE LUGAR COM O COLEGA. EM SEGUIDA, FAÇA O QUE SE PEDE.



- A)** ESCOLHA UMA ARTICULAÇÃO, MOSTRE-A PARA O COLEGA E DIGA O NOME DA PARTE ESCOLHIDA.
- B)** O COLEGA DEVE MUDAR DE POSIÇÃO FOCADO NA ARTICULAÇÃO ESCOLHIDA.
- C)** DEPOIS QUE COMPLETAREM SEIS DOBRADIÇAS, REPITAM A ATIVIDADE, MAS DESSA VEZ COM VELOCIDADES DIFERENTES, ALTERNANDO MAIS RÁPIDO E MAIS LENTO.

D) POR ÚLTIMO, INVERTAM AS POSIÇÕES.

2 DESENHE AS SEIS DOBRADIÇAS QUE VOCÊ ESCOLHEU.



MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

3 JUNTE-SE COM O MESMO COLEGA DAS ATIVIDADES ANTERIORES, MOSTRE SEU DESENHO A ELE E VEJA O QUE ELE DESENHOU. ANALISEM JUNTOS: HÁ ALGO QUE MUDARIAM NOS DESENHOS? O QUÊ?





PARA AMPLIAR

MOVIMENTOS QUE OCUPAM ESPAÇOS

O NOSSO CORPO OCUPA DETERMINADO ESPAÇO, QUE PODE MUDAR DE ACORDO COM A POSIÇÃO EM QUE ESTAMOS. SENTADOS, DEITADOS, EM PÉ OCUPAMOS ESPAÇOS DIFERENTES.

ETAPA 1



- EM DUPLA, DEITE-SE NA POSIÇÃO QUE VOCÊ COSTUMA DORMIR: PODE SER DE BARRIGA PARA CIMA, DE LADO, OU COMO PREFERIR.
- O COLEGA VAI CONTORNAR SEU CORPO USANDO UM GIZ DE LOUSA. DEPOIS, CONTORNE O CORPO DELE.



1 O QUE É DIFERENTE ENTRE SEU JEITO DE DORMIR E O DO COLEGA? *Respostas de acordo com a prática.*



- ESCOLHA TRÊS POSIÇÕES: SENTADO, AJOELHADO E EM PÉ. EM CADA UMA DELAS, O COLEGA VAI DESENHAR SEU CONTORNO. DEPOIS VOCÊS INVERTEM.

2 CONVERSEM SOBRE QUAIS POSIÇÕES FORAM MAIS DIFÍCEIS E QUAIS FORAM FÁCEIS DE FAZER E CONTORNAR: SERÁ QUE VOCÊS USARAM SUAS DOBRADIÇAS PARA FICAR NESSAS POSIÇÕES? CONSEGUEM IDENTIFICAR QUAIS DOBRADIÇAS?



ETAPA 2



FABIANO MOURA

FORME DUPLA COM UM COLEGA E FIQUE EM PÉ DE FRENTE PARA ELE.



- DESENHEM O CONTORNO EM POSIÇÕES DE EQUILÍBRIO DIFERENTES DAS QUE ESTÃO ACOSTUMADOS.
- TROQUE DE LUGAR COM O COLEGA E CONTORNE A POSIÇÃO DELE.
- POR ÚLTIMO, ANDEM PELO ESPAÇO OBSERVANDO TODOS OS CONTORNOS DA TURMA. QUANDO O PROFESSOR BATER PALMAS, VOCÊ E SUA DUPLA DEVEM ESCOLHER UM DELES.
- UM DE VOCÊS SE COLOCA DENTRO DO DESENHO E O OUTRO FORA DELE.
- REPEATAM ESTE EXERCÍCIO VÁRIAS VEZES, MAS NÃO ESCOLHAM SEMPRE O MESMO CONTORNO!

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

ATENTE-SE PARA A QUANTIDADE DE PALMAS QUE O PROFESSOR ESTIVER BATENDO:

- UMA PALMA
- DUAS PALMAS
- TRÊS PALMAS

Respostas de acordo com a prática.

1 QUE ESPAÇO SEU CORPO OCUPA?



2 QUAIS ESPAÇOS TODOS OS CORPOS OCUPAM?

3 ESSE ESPAÇO TOTAL É MAIOR QUE O SEU?

ETAPA 3

VAMOS BRINCAR DE TIRAR FOTOGRAFIAS IMAGINÁRIAS? EM DUPLAS, SIGAM OS PASSOS ABAIXO:



1. ESCOLHAM UMA POSIÇÃO PARA FAZER COM O CORPO. ELA DEVE REPRESENTAR ALGO. NÃO CONTE O QUE É!
2. UM DE VOCÊS TIRA UMA FOTO IMAGINÁRIA.
3. POR ÚLTIMO, QUEM TIROU A FOTO DEVE DESCOBRIR O QUE A POSIÇÃO SIGNIFICA.
4. TROQUEM DE LUGAR E REPITAM TODO O PROCESSO.

ETAPA 4



FABIANO MOURA

ESPALEM-SE PELO ESPAÇO E ANDEM DO JEITO QUE PREFERIREM. QUANDO O PROFESSOR BATER PALMAS, IMITEM UM ANIMAL.



COM DUAS PALMAS, IMITEM UM ANIMAL QUE ANDA EM DUAS PATAS. COM QUATRO PALMAS, IMITEM UM ANIMAL QUE ANDA EM QUATRO PATAS.

AGORA ESCOLHA UM ANIMAL QUE VOCÊ IMITOU E CONSTRUA UMA HISTÓRIA COM ELE: POR QUE VOCÊ O ESCOLHEU? QUAIS SÃO AS CARACTERÍSTICAS DELE? EXPLORE MOVIMENTOS CORPORAIS QUE CONTEM ESSA HISTÓRIA.

EM RODA COM A TURMA, REPRESENTEM AS HISTÓRIAS COM OS MOVIMENTOS CORPORAIS. É POSSÍVEL DESCOBRIR O QUE CADA HISTÓRIA CONTA?



UM MUNDO SONORO

O QUE VAMOS EXPLORAR?

CADA LUGAR TEM SONS ESPECÍFICOS, QUE COMPÕEM O QUE CHAMAMOS DE **PAISAGEM SONORA**. NAS PRÓXIMAS PÁGINAS VAMOS FALAR SOBRE ELAS E OS TIPOS DE SONS QUE AS COMPÕEM.

NAS PAISAGENS SONORAS PODEMOS ESCUTAR DOIS TIPOS DE SONS:

- NATURAIS, QUE SÃO PRODUZIDOS POR ANIMAIS OU ELEMENTOS DA NATUREZA COMO VENTO, CHUVA, ENTRE OUTROS;
- ARTIFICIAIS, QUE PRECISAM DA AÇÃO HUMANA PARA EXISTIR.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

QUANDO HÁ UM EXCESSO DE RUÍDOS, CHAMAMOS DE **POLUIÇÃO SONORA**. A PARTIR DAS PRÁTICAS A SEGUIR, VOCÊ PERCEBERÁ E RECONHECERÁ A IMPORTÂNCIA DOS SONS E DO SILÊNCIO EM NOSSO DIA A DIA.

TAMBÉM EXPLORAREMOS DIFERENTES POSSIBILIDADES SONORAS APENAS UTILIZANDO NOSSO CORPO. O CORPO É UM ÓTIMO INSTRUMENTO MUSICAL E COM ELE PODEMOS DESCOBRIR DIFERENTES TIMBRES – O SOM DA VOZ, DAS PALMAS E DOS ESTALOS DE DEDOS SÃO APENAS ALGUNS.



PARA REVISAR E REFORÇAR

PAISAGEM SONORA

- 1** LEIA OS ENUNCIADOS EM VOZ ALTA, OBSERVE AS IMAGENS E FAÇA O QUE SE PEDE ABAIXO.



- A)** EM GRUPOS,  IMAGINEM QUAIS SONS VOCÊS ESCUTARIAM NA PAISAGEM AO LADO. REPRODUZAM A PAISAGEM SONORA DESSE LUGAR COM SONS DA VOZ E DO CORPO.



THE VAN GOGH MUSEUM, AMSTERDAM

V. VAN GOGH. A COLHEITA, 1888. ÓLEO SOBRE TELA, 73,4 CM × 91,8 CM.

- B)** REPITAM O MATERIAL DE DIVULGAÇÃO COM A IMAGEM AO LADO. QUAIS SONS COMPÕEM A PAISAGEM?



1000WORD/DREAMSTIME/EASYPX BRASIL

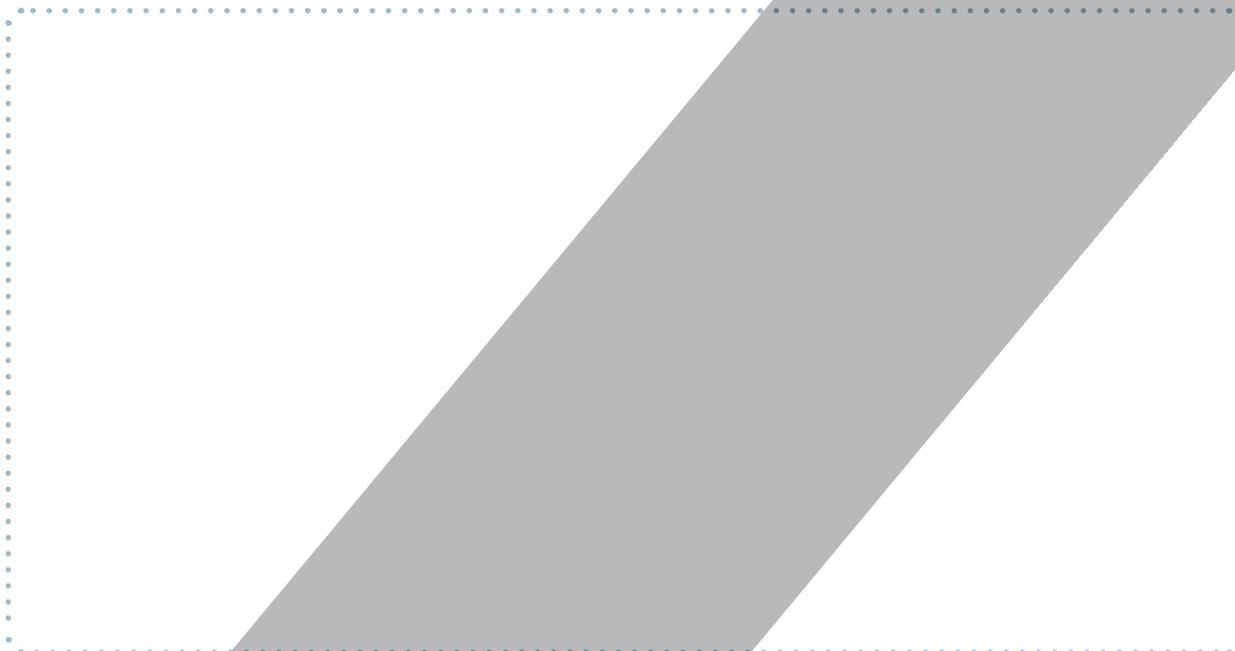
RUA AGITADA EM BANGKOK, NA TAILÂNDIA.

- C)** VOCÊS ACHAM QUE HÁ POLUIÇÃO SONORA NOS DOIS LUGARES? POR QUÊ?

c) Os estudantes podem responder que a poluição sonora deve ser mais intensa na segunda paisagem, pois há um excesso de sons. Mas também podem dizer que na primeira imagem poderia haver algum som que o grupo julgue incômodo.

2 RECORTE AS IMAGENS DA PÁGINA 31 E FAÇA O QUE SE PEDE.

A) COLE AS IMAGENS QUE FORMAM, PARA VOCÊ, UMA PAISAGEM SONORA AGRADÁVEL. [Respostas pessoais.](#)



B) COLE AS IMAGENS QUE FORMAM, PARA VOCÊ, UMA PAISAGEM COM POLUIÇÃO SONORA.

**MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL**



PARA AMPLIAR

PERCUTINDO O CORPO

ETAPA 1

SONS CORPORAIS SÃO SONS QUE FAZEMOS COM NOSSO CORPO: CANTAR, BATER PALMAS, ESTALAR OS DEDOS, ENTRE OUTROS.

VOCÊ JÁ EXPERIMENTOU MUDAR O FORMATO DAS MÃOS PARA BATER PALMAS? VAMOS TENTAR?

1. FAÇA DUAS CONCHAS COM AS MÃOS E BATA PALMAS. ESCUTE O SOM DESSA PALMA: É A **PALMA GRAVE**.
2. OUTRO MODO DE BATER PALMAS É USAR OS DEDOS BEM ESTICADOS E SEPARADOS, TOCANDO AS MÃOS INTEIRAS UMA NA OUTRA: ESSA É A **PALMA ESTRELA**.
3. **MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL** FAÇA UMA MÃO NA PALMA DA OUTRA MÃO, ASSIM COMO COSTUMAMOS APLAUDIR: É A **PALMA ESTALADA**.
4. FECHANDO OS DEDOS DE UMA MÃO E BATA AS COSTAS DELA NA PALMA DA OUTRA MÃO: É A **PALMA COSTAS DE MÃO**.
5. BATA DOIS DEDOS DE UMA MÃO NA PALMA DA OUTRA MÃO: É A **PALMA PINGO**.



ILUSTRAÇÕES: JACQUE LIMA

- 1 EM UMA RODA COM TODA A TURMA, DISCUTAM A DIFERENÇA ENTRE AS CINCO PALMAS QUE APRENDERAM. POR FIM, CADA UM IRÁ CRIAR UMA SEQUÊNCIA DE PALMAS PARA QUE OS OUTROS REPITAM.



ETAPA 2

AGORA QUE VOCÊ VIU ALGUNS SONS DE PALMAS, VAMOS REPRODUZIR O SOM DA CHUVA USANDO ESSAS PALMAS COM TODA A TURMA!



1. POUCOS PINGOS ESTÃO CAINDO: COMECEM COM A **PALMA PINGO**.
2. A CHUVA FICOU MAIS FORTE! AUMENTEM A QUANTIDADE DE PALMAS E TROQUEM PARA A **PALMA COSTAS DE MÃO**.
3. MAIS FORTE AINDA! AGORA É A **PALMA ESTALADA**.
4. É QUASE UM TEMPORAL: FAÇAM A **PALMA ESTRELA**.
5. CHEGOU O TEMPORAL COM FORÇA! É HORA DA **PALMA GRAVE**.
6. QUANDO O TEMPORAL DIMINUIR, VOLTEM À SEQUÊNCIA, DE TRÁS PARA A FRENTE!

ETAPA 3

QUE OUTROS SONS PODEMOS FAZER COM O CORPO? VAMOS DESCOBRIR!

SOM DO PEITO

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO

ESTILO DA EDITORA DO BRASIL

COM OS DEDOS JUNTOS E BATA A MÃO INTEIRA NO CENTRO DO PEITO. PERCEBA QUE É UM SOM GRAVE. EXPERIMENTE TOCAR A PALMA GRAVE E, EM SEGUIDA, O SOM DO PEITO. QUAL DELES É MAIS GRAVE?



JACQUELINA

ESTALO DE DEDOS

O ESTALO DE DEDOS É UM SOM BEM AGUDO QUE PODEMOS FAZER COM O CORPO. JUNTE O DEDO MÉDIO AO POLEGAR E ESFREGUE UM NO OUTRO. O DEDO MÉDIO IRÁ ESCAPAR E BATER NO ANULAR QUE, COM O MINDINHO, ESTÁ ENCOLHIDO, TOCANDO A PALMA DA MÃO.



JACQUE LIMA

PODEMOS AINDA FAZER SONS BATENDO A PALMA DA MÃO NAS COXAS OU NA BARRIGA, BATENDO OS PÉS NO CHÃO, ENTRE OUTRAS POSSIBILIDADES.

PARA PRATICAR ESSES SONS, JOGUEM "SIGA O MESTRE DOS SONS". UM COLEGA SAIRÁ DA SALA ENQUANTO A TURMA SORTEIA QUEM SERÁ O MESTRE DA RODADA. QUEM ESTAVA FORA DA SALA DEVE VOLTAR E IR ATÉ O MEIO DA RODA PARA TENTAR DESCOBRIR QUEM É O MESTRE, QUE ESTARÁ FAZENDO ALGUM SOM, VARIANDO O TIMBRE DISFARÇADAMENTE. VAMOS LÁ?



ETAPA 4 MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EDITORA DO BRASIL

AGORA VOCE E OS COLEGAS FARÃO A SONORIZAÇÃO DE UMA HISTÓRIA USANDO OS SONS QUE APRENDERAM OU EXPERIMENTANDO NOVOS SONS COM O CORPO E COM A VOZ!

VOCÊS PODEM ESCOLHER UMA HISTÓRIA OU INVENTAR UMA NOVA. PARA PLANEJAR QUAIS SONS FAZER, RESPONDAM ÀS SEGUINTE PERGUNTAS:



- ONDE A HISTÓRIA SE PASSA?
- QUAIS SÃO OS SONS DESSE LUGAR?
- EM QUE MOMENTOS APARECEM SONS NATURAIS E SONS ARTIFICIAIS?
- COMO ELES PODEM SER REPRODUZIDOS?



BRINCAR, REPRESENTAR, DANÇAR E TOCAR

O QUE VAMOS EXPLORAR?

O BRASIL É UM PAÍS MUITO RICO EM **FOLGUEDOS**, QUE SÃO MANIFESTAÇÕES POPULARES QUE MISTURAM MÚSICA, ARTES, TEATRO, DANÇA, COMIDAS... RESULTANDO EM UMA GRANDE FESTA!

UM DESSES FOLGUEDOS É O **BUMBA MEU BOI**, UMA MANIFESTAÇÃO CULTURAL FESTEJADA EM DIVERSAS PARTES DO BRASIL.

VAMOS FAZER ALGUMAS ATIVIDADES SOBRE O BUMBA MEU BOI E, A PARTIR DELE, PERCEBER COMO OS FOLGUEDOS TRABALHAM AS LINGUAGENS ARTÍSTICAS.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

O TEATRO É UMA PARTE MUITO IMPORTANTE DESSE FOLGUEDO! NELE HÁ UMA HISTÓRIA QUE NORTEIA TODA A FESTA, QUE É TAMBÉM CERCADA POR DANÇA E MUITA MÚSICA.

NESSA HISTÓRIA, EXISTEM OS PERSONAGENS, QUE TÊM SUAS PRÓPRIAS CARACTERÍSTICAS, COMO OS PERSONAGENS DOS FILMES, DESENHOS E OUTRAS HISTÓRIAS QUE VOCÊ CONHECE.

ALÉM DE REFORÇAR OS CONHECIMENTOS SOBRE OS FOLGUEDOS, ESPECIALMENTE O BUMBA MEU BOI, VAMOS COLOCAR A MÃO NA MASSA AO CONSTRUIR UM BONECO DO BOI E INSTRUMENTOS MUSICAIS COM MATERIAIS RECICLADOS QUE PODERÃO SER TOCADOS POR VOCÊ.



PARA REVISAR E REFORÇAR

FOLGUEDOS

1 EM GERAL, OS FOLGUEDOS FORAM CRIADOS PARA CELEBRAR UM ACONTECIMENTO, UM MOMENTO IMPORTANTE DO ANO.



SE VOCÊ FOSSE CRIAR UM FOLGUEDO PARA CELEBRAR UM ACONTECIMENTO DE SUA VIDA, DA SUA CIDADE, DO SEU PAÍS, DO MUNDO... O QUE CELEBRARIA? COMO VOCÊ IMAGINA QUE COMEMORARIA? DESENHE SEU FOLGUEDO!



MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

2 CONVERSE COM OS COLEGAS PARA OBSERVAR OS FOLGUEDOS CRIADOS POR CADA UM. OS FOLGUEDOS DE VOCÊS SÃO PARECIDOS? O QUE VOCÊS CELEBRARIAM?



O BUMBA MEU BOI É UMA FESTA COM MUITOS ASPECTOS DO TEATRO. NELA, HÁ DIVERSOS PERSONAGENS. OS MAIS IMPORTANTES SÃO: PAI CHICO (QUE ROUBA UM BOI PARA DAR A LÍNGUA A SUA ESPOSA GRÁVIDA), CATIRINA (A ESPOSA DE PAI CHICO), O FAZENDEIRO (DONO DO BOI), OS VAQUEIROS (QUE PROCURAM O BOI) E O CURANDEIRO (QUE RESSUSCITA O BOI).

1 PROCURE OS NOMES DOS PERSONAGENS DO BUMBA MEU BOI!

BOI

CATIRINA

CURANDEIRO

FAZENDEIRO

PAI CHICO

VAQUEIROS



2 AGORA CRIE SEU PRÓPRIO PERSONAGEM NO CADERNO E ESCREVA O NOME DELE!





PARA AMPLIAR

INSTRUMENTOS E BONECO DA FESTA

ETAPA 1

MUITOS INSTRUMENTOS DA FESTA DO BUMBA MEU BOI SÃO OS DE PERCUSSÃO. VAMOS CONSTRUIR UM DELES?

MARACÁ



BETO CELLI

MATERIAL:

- 2 GARRAFAS PET;
- GRÃOS DIVERSOS;
- TUBO DE PAPELÃO;
- FITA ADESIVA;
- TESOURA COM PONTAS ARREDONDADAS.

COMO FAZER

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

1. COM A AJUDA DE UM ADULTO, CORTE AS GARRAFAS.
2. COLOQUE GRÃOS OU SEMENTES DENTRO DELAS.
3. TAMPE-AS COM A OUTRA METADE E PRENDA-AS COM FITA ADESIVA.



BETO CELLI



BETO CELLI

4. PRENDA O TUBO DE PAPELÃO NO BICO DE UMA DAS GARRAFAS.
5. ENFEITE COMO ACHAR MELHOR!

ETAPA 2

O PANDEIRÃO DO BUMBA MEU BOI É AFINADO COM FOGO, POIS O CALOR ESTICA SUA PELE.

VAMOS CONSTRUIR E AFINAR UM TAMBOR DE BEXIGA? VOCÊ VERÁ QUE É POSSÍVEL AFINÁ-LO ESTICANDO OU AFROUXANDO A PELE DO TAMBOR, NESSE CASO, A BEXIGA.

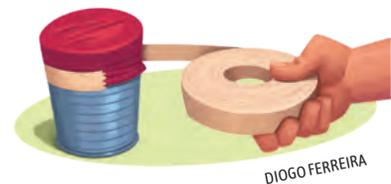
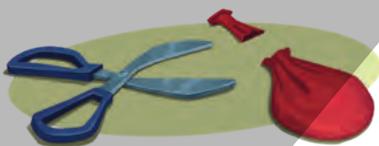
MATERIAL:

- LATAS (DE CREME DE LEITE, POR EXEMPLO);
- BEXIGAS TAMANHO 9;
- FITA ADESIVA;
- TESOURA COM PONTAS ARREDONDADAS;
- PAPEL COLORIDO PARA ENFEITAR.



COMO FAZER

1. CORTE O BICO DA BEXIGA.
2. COM AS DUAS MÃOS, ABRA A BEXIGA E COLOQUE-A NA SUPERFÍCIE ABERTA DA LATA, ESTICANDO-A PARA QUE FIQUE LISA. PERCEBA COMO O SOM MUDA AO ESTICAR OU AFROUXAR A BEXIGA.
3. PRENDA A BEXIGA NA LATA COM A FITA ADESIVA.
4. TOQUE BELISCANDO E SOLTANDO A BEXIGA.



- 1 O QUE VOCÊ DESCOBRIU SOBRE O FUNCIONAMENTO DOS TAMBORES?



Resposta pessoal. É esperado que os estudantes percebam que diferentes tensões da bexiga produzem diferentes tipos de sons. Isso ocorre porque o movimento, ou seja, a vibração, é mais rápida quando a bexiga está bem esticada do que quando ela está bem frouxa.

ETAPA 3

VAMOS CONSTRUIR O BONECO PRINCIPAL DA FESTA: O BOI. ELE É VESTIDO POR UMA PESSOA: O BRINCANTE.

MATERIAL:

- CAIXA DE PAPELÃO GRANDE;
- TUBO DE PAPELÃO;
- CARTOLINA;
- PAPEL PARA FORRAR A CAIXA;
- TECIDO OU PAPEL CREPOM PARA FAZER A SAIA;
- TESOURA COM PONTAS ARREDONDADAS;
- COLA BRANCA.

COMO FAZER

1. FAÇA UM BURACO EM UM LADO DA CAIXA, PARA ENXERGAR AO VESTIR O BOI.
2. EM CIMA, FAÇA UM FURO PARA PRENDER O TUBO DE PAPELÃO.
3. FORRE A PARTE DE CIMA E AS LATERAIS DA CAIXA.
4. EM UMA CARTOLINA, DESENHE A CABEÇA DO BOI E COLE-A NO TUBO.
5. NA PARTE DE BAIXO DA CAIXA, PRENDA UM TECIDO OU PAPEL CREPOM, COMO SE FOSSE UMA SAIA.



ILUSTRAÇÕES: DIOGO FERREIRA

ETAPA 4

COM A TURMA TODA, VISTA O BONECO E TOQUE OS INSTRUMENTOS QUE VOCÊS CONSTRUÍRAM. DANCEN E EXPERIMENTEM MOVIMENTOS. ENQUANTO PARTE DA TURMA BRINCA COM O BOI, OUTRA PARTE PODE ACOMPANHAR COM OS INSTRUMENTOS QUE VOCÊS FIZERAM ANTERIORMENTE!

OLHAR PARA NOSSAS CORES

O QUE VAMOS EXPLORAR?

AS **CORES** E AS **LINHAS** SÃO ELEMENTOS MUITO IMPORTANTES NAS ARTES VISUAIS. VAMOS AGORA EXPLORAR UM POUCO DO UNIVERSO DE CADA UMA DELAS EXPERIMENTANDO, DESCOBRINDO E INVESTIGANDO ALGUMAS DE SUAS CARACTERÍSTICAS.

NO CASO DAS LINHAS, VAMOS PARTIR DAS LINHAS DA NOSSA PRÓPRIA MÃO PARA OBSERVAR DIFERENTES MANEIRAS DE CONSTRUIR IMAGENS COM ELAS. A CULTURA INDÍGENA É RICA NESSE TIPO DE CONSTRUÇÃO, E VAMOS PARTIR DE ALGUNS DESENHOS TRADICIONAIS DE DIFERENTES ETNIAS PARA SEGUIR NESSA EXPLORAÇÃO.

NO CASO DAS CORES, VAMOS INVESTIGAR COMO O BRANCO PODE ATUAR NA COMBINAÇÃO COM OUTRAS CORES, FORMANDO TONS DIFERENTES. EM SEGUIDA, A EXPERIMENTAÇÃO É CRIAR TINTAS A PARTIR DE MATERIAIS NATURAIS.

AS PRÁTICAS DAS PRÓXIMAS PÁGINAS EXPLORAM O UNIVERSO DA COR E DA LINHA, MAS PROPÕEM TAMBÉM UMA MISTURA DE CONHECIMENTOS QUE USAM O NOSSO CORPO COMO BASE PARA ESSA EXPLORAÇÃO IMPORTANTE E DIVERTIDA!



PARA REVISAR E REFORÇAR

LINHAS E CORES

AS LINHAS PODEM SER FEITAS DE MUITAS MANEIRAS: CURTAS, LONGAS, RETAS, CURVAS, INTERROMPIDAS, DUPLAS. VAMOS BRINCAR COM AS LINHAS USANDO A PALMA DA MÃO?

- 1** OBSERVE SUA MÃO E TENDE DESENHAR:



- A)** LINHAS MAIS FORTES.

- B)** LINHAS COM MAIS DE UMA PONTA NO INÍCIO OU NO FIM.

- C)** LINHAS CIRCULARES NA PALMA OU NOS DEDOS.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

2 AGORA VAMOS EXPLORAR AS CORES! SIGA OS PASSOS:

- EM UM PEQUENO POTE, COLOQUE TINTA AZUL. PINTE O PRIMEIRO QUADRADO ABAIXO COM ESSA COR.
- ADICIONE UM PINGO DE TINTA BRANCA AO POTE E MISTURE. PINTE O SEGUNDO QUADRADO.
- ADICIONE MAIS UM POUCO DE TINTA BRANCA, MISTURE E PINTE O PRÓXIMO QUADRADO. SIGA ASSIM ATÉ QUE TODOS ESTEJAM PREENCHIDOS.



AZUL

A) FAÇA A MESMA COISA COM AS CORES ABAIXO:



VERMELHA

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL



AMARELA

B) O QUE VOCÊ OBSERVOU NESSA EXPERIÊNCIA?



C) O QUE ACONTECE COM AS CORES QUANDO ADICIONAMOS BRANCO A ELAS?

Elas vão ficando mais claras.

D) EM UMA FOLHA À PARTE, USE AS CORES PURAS E MISTURADAS PARA CRIAR UMA PINTURA COM MUITOS TONS DIFERENTES!





PARA AMPLIAR

LINHAS E CORES DA NATUREZA

ETAPA 1

NOS TRABALHOS DE ARTISTAS INDÍGENAS, HÁ VÁRIOS TIPOS DE LINHAS E FORMAS DIFERENTES. CADA COMUNIDADE INDÍGENA TEM DESENHOS PRÓPRIOS, INSPIRADOS NAS FORMAS DA NATUREZA. VAMOS VER ALGUNS EXEMPLOS?



CASCO DE JABUTI.



ESPINHA DE PEIXE.



U:Ã-OIRO: ZIGUE-ZAGUE.

ILUSTRAÇÕES: DIOGO FERREIRA

- 1 TENTE REPRODUZIR ALGUMAS PARTES DESSES DESENHOS.



MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

ETAPA 2

COM OS COLEGAS, FAÇA UMA EXPEDIÇÃO PARA OBSERVAR FOLHAS, ÁRVORES, PEDRAS, ANIMAIS...

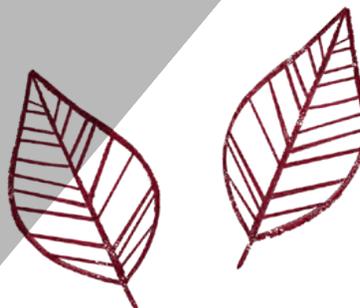


DEPOIS DE OBSERVAREM BASTANTE, ESCOLHAM QUATRO ELEMENTOS DIFERENTES: UMA PLANTA, UM ANIMAL, UMA PEDRA E UMA FLOR, POR EXEMPLO.

- 1 REPRESENTEM ESSAS FORMAS COM LINHAS QUE LEMBREM O ELEMENTO ESCOLHIDO, MAS DE UM JEITO MAIS SIMPLES. VEJAM O EXEMPLO E FAÇAM AS OUTRAS DUAS FORMAS: PRIMEIRO COMO A VEEM E DEPOIS COM LINHAS.



JOANNAWUK/SHUTTERSTOCK.COM



DIOGO FERREIRA



MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

ETAPA 3



VAMOS EXPERIMENTAR FAZER TINTAS NATURAIS DO MESMO MODO QUE OS INDÍGENAS? MÃOS À OBRA!

MATERIAL:

- 3 POTES OU COPOS;
- COLA BRANCA;
- UM POUCO DE ÁGUA;
- PIGMENTOS NATURAIS SECOS: CACAU EM PÓ, URUCUM EM PÓ (COLORAU), CÚRCUMA EM PÓ, TERRAS DE DIFERENTES CORES PENEIRADAS, CANELA, GENGIBRE EM PÓ, ENTRE OUTROS.

COMO FAZER

1. COLOQUE NO POTE UMA COLHER DE PIGMENTO. EM SEGUIDA, JUNTE UMA COLHER DE ÁGUA E MISTURE BEM. POR ÚLTIMO, COLOQUE UMA COLHER DE COLA BRANCA. MEXA BEM E VEJA SE ESTÁ BOA PARA PINTAR.
2. FAÇA TRÊS CORES DIFERENTES E PREENCHA OS QUADRINHOS A SEGUIR COM ELAS.

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL



3. DEPOIS DE TESTÁ-LAS, É HORA DE FAZER UMA PINTURA USANDO APENAS ESSAS TINTAS. VOCÊ PODE SE LEMBRAR DE ALGUM DOS ELEMENTOS QUE OBSERVOU NA SUA EXPEDIÇÃO DE OBSERVAÇÃO E PINTÁ-LO AQUI.



ETAPA 4

A NATUREZA É PARTE FUNDAMENTAL DA CULTURA INDÍGENA. A PINTURA CORPORAL, QUE MUDA DE ACORDO COM A COMUNIDADE INDÍGENA, TAMBÉM É UMA CARACTERÍSTICA IMPORTANTE. VEJA ALGUNS EXEMPLOS.

CASSANDRA CURY/PULSAR IMAGENS



CRIANÇAS DA ETNIA KUIKURO. PARQUE INDÍGENA DO XINGU, MATO GROSSO, 2019.

FABIO COLOMBINI



CRIANÇA INDÍGENA SATERÉ-MAWÉ. MANAUS, AMAZONAS.

AGORA, VOCÊ VAI CRIAR UMA PINTURA PARA FAZER NO PRÓPRIO CORPO JUNTANDO TUDO O QUE APRENDEU ATÉ AQUI! PARA ISSO, SIGA ESTES PASSOS:

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL

1. ESCOLHA UMA TINTA DAS QUE VOCÊ PREPAROU. CONVERSE COM O PROFESSOR PARA TER CERTEZA DE QUE PODE USÁ-LA NO CORPO.
2. ESCOLHA ALGUM DOS DESENHOS QUE VOCÊ CRIOU. PODEM SER AS LINHAS QUE SE REPETEM OU AS FORMAS QUE VÊM DA NATUREZA E SÃO FEITAS DE UM JEITO MAIS SIMPLES.
3. ESCOLHA UMA PARTE DE SEU CORPO PARA PINTAR COM A TINTA E OS DESENHOS QUE VOCÊ DESENVOLVEU.
4. AGORA CIRCULE ENTRE OS COLEGAS E OBSERVE OS DESENHOS QUE ELES CRIARAM!



REFERÊNCIAS

BARBIERI, STELA. *INTERAÇÕES: ONDE ESTÁ A ARTE NA INFÂNCIA?* SÃO PAULO: BLUCHER, 2012. (COLEÇÃO INTERAÇÕES).

COM IMAGINAÇÃO E CRIATIVIDADE, PERPASSANDO PELO SENSÍVEL, A AUTORA TRAZ OS LUGARES DE EXPERIMENTAR OS MATERIAIS, OS ESPAÇOS, O CORPO, A NATUREZA, A EXPLORAÇÃO, OS DESAFIOS E AS INVESTIGAÇÕES NATURAIS DA CRIANÇA.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR*. BRASÍLIA, DF: MEC, 2018. DISPONÍVEL EM: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf. ACESSO EM: 20 ABR. 2021.

A BNCC É O DOCUMENTO PUBLICADO PELO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO QUE DEFINE AS APRENDIZAGENS, COMPETÊNCIAS E HABILIDADES QUE TODOS OS ALUNOS DO BRASIL DEVEM DESENVOLVER EM CADA ETAPA DA EDUCAÇÃO BÁSICA.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. SECRETARIA DE ALFABETIZAÇÃO. *PNA: POLÍTICA NACIONAL DE ALFABETIZAÇÃO*. BRASÍLIA, DF: MEC: SEALF, 2019A. DISPONÍVEL EM: http://portal.mec.gov.br/images/banners/caderno_pna_final.pdf. ACESSO EM: 20 ABR. 2021.

INSTITUI A POLÍTICA NACIONAL DE ALFABETIZAÇÃO, CUJO OBJETIVO É MELHORAR A QUALIDADE DA EDUCAÇÃO NO TERRITÓRIO BRASILEIRO E COMBATER O ANALFABETISMO ABSOLUTO E O ANALFABETISMO FUNCIONAL.

BRITO, TECA ALENCAR. *UM JOGO CHAMADO MÚSICA: ESCUTA, EXPERIÊNCIA, CRIAÇÃO, EDUCAÇÃO*. SÃO PAULO: PEIRÓPOLIS, 2019.

SEGUNDO A AUTORA, O ATO DE ESTUDAR MÚSICA ABRE A ESCUTA PARA INSTRUMENTOS E SENSACIONES DESCONHECIDOS, ALÉM DE SER UM CONVITE PARA SE APROXIMAR DO OUTRO.

DERDYK, EDITH. PALAVRA DE... EDITH DERDYK: O DESENHO DO GESTO E DOS TRAÇOS SENSÍVEIS. [ENTREVISTA CEDIDA A] JOYCE M. ROSSET, MARIA HELENA WEBSTER E ANGELA RIZZI. *TEMPO DE CRECHE*, [S. L.], 6 NOV. 2015. DISPONÍVEL EM: <https://tempodecreche.com.br/repertorio-cultural/palavra-de-edith-derdyk-o-desenho-do-gesto-e-dos-tracos-sensiveis/>. ACESSO EM: 7 ABR. 2021.

NESSA ENTREVISTA, EDITH DERDYK NOS FALA DO NOVO OLHAR PARA O DESENHO DA CRIANÇA NO CONTEXTO DA ARTE CONTEMPORÂNEA.

GIRAMUNDO. BELO HORIZONTE: [S. N.], [20--?]. DISPONÍVEL EM: <http://giramundo.org/>. ACESSO EM: 7 ABR. 2021.

UMA DAS FACETAS DO TEATRO DE BONECOS GIRAMUNDO POTENCIALIZA A ATIVIDADE EDUCATIVA, POSSIBILITANDO ESPAÇO PARA EXPERIMENTAÇÃO E FORMAÇÃO NOS CAMPOS DA MANIPULAÇÃO, MONTAGEM DE CENA, COREOGRAFIA E CENOTÉCNICA.

MACHADO, REGINA. *ACORDAIS: FUNDAMENTOS TEÓRICO-POÉTICOS DA ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS*. SÃO PAULO: DCL, 2004.

A AUTORA ENALTECE O PAPEL DO CONTADOR E, AO MESMO TEMPO, CRIADOR DE HISTÓRIAS.

ROSSET, JOYCE M.; RIZZI, ANGELA. *CORES: MUITO MAIS DO QUE AZUL, AMARELO E VERMELHO! TEMPO DE CRECHE*, [S. L.], 28 SET. 2016. DISPONÍVEL EM: <https://tempodecreche.com.br/proposta-de-atividade/cores-muito-mais-do-que-azul-amarelo-e-vermelho/>. ACESSO EM: 7 ABR. 2021.

AS AUTORAS TRABALHAM OS ELEMENTOS DAS ARTES VISUAIS EM SUA POTENCIALIDADE. O FOCO DO TEXTO ESTÁ NA EDUCAÇÃO INFANTIL, MAS SUA ABORDAGEM ATENDE OS ANOS SEGUINTE.

SALLES, CECÍLIA ALMEIDA. *GESTO INACABADO: PROCESSO DE CRIAÇÃO ARTÍSTICA*. 6. ED. SÃO PAULO: INTERMEIOS, 2013.

A AUTORA ENFATIZA, EM VÁRIAS LINGUAGENS, OS PROCESSOS DE CRIAÇÃO E O FATO DE QUE COMPREENDER A ELABORAÇÃO DE UMA OBRA É PERCEBER O MOVIMENTO DE UM RASCUNHO PARA OUTRO DENTRO DOS PROCESSOS DE CRIAÇÃO.

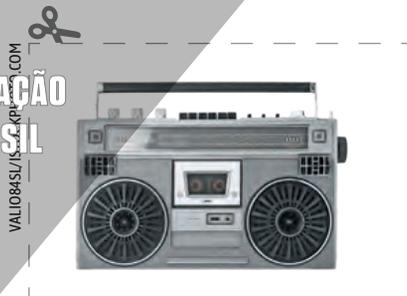
STOKOE, PATRÍCIA; HARF, RUTH. *EXPRESSÃO CORPORAL NA PRÉ-ESCOLA*. SÃO PAULO: SUMMUS, 1987.

AS AUTORAS DEFINEM A EXPRESSÃO CORPORAL, SITUANDO-A NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO SISTEMATIZADA. DESTACAM SUA IMPORTÂNCIA COMO ATIVIDADE ESPECÍFICA DA PRÉ-ESCOLA E OFERECEM UM PROJETO DE UNIDADE DIDÁTICA.



MATERIAL COMPLEMENTAR

ENCARTE DA PÁGINA 13



 RECORTAR

An aerial photograph of a tropical beach with several thatched umbrellas. A dark diagonal stripe runs from the top right to the bottom left, partially obscuring the beach. The text is centered on this stripe.

**MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL**

**MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL**

**MATERIAL DE DIVULGAÇÃO
DA EDITORA DO BRASIL**

ISBN 978-65-5817-821-7